

**BARRAGEM**  
 CASTELO DE BODE COMEMOROU 75 ANOS  
 Págs. 16 a 18

**ENTREVISTA**  
 PAULO BISPO BRILHA NOS PALCOS  
 E NO THE VOICE  
 Págs. 03 e 04

**RIO DE MOINHOS**  
 DESLOCALIZAÇÃO DE FARMÁCIA LEVA  
 A MANIFESTAÇÕES EM DEFESA DA  
 PERMANÊNCIA  
 Pág. 12

**MulieR**  
 ROUPA INTERIOR MASCULINA, FEMININA E DE CRIANÇA



PROTEJA-SE DO FRIO...  
 CAMISOLAS TÉRMICAS  
**IMPETUS**  
 FINAS, LEVES E QUENTES!

PROMOÇÕES -20% A -50%\*  
 (PIJAMAS, ROBES E LINGERIE)

**Triumph Chantelle setmark**  
 TAMANHOS ESPECIAIS - COPA A e H

RUA MONTEIRO DE LIMA, 7 | CENTRO HISTÓRICO | ABRANTES  
 TEL. 241 096 220 | WWW.FACEBOOK/MULIER.PT

Pérsio Basso

// Médio Tejo

# Depressão Kristin deixa rasto de destruição na região

Chamaram-lhe Kristin e é esse o nome que vai ficar gravado na memória de todos. A pior tempestade de sempre passou pelo Médio Tejo e nada ficou como antes.  
 Págs. 20 e 21



## Acácio Teixeira é Profissional do Ano do Rotary Club de Abrantes

Pág. 19

**"O tamanco"**  

 JUNTO ÀS  
**BOMBAS DA BP**  
 ALFERRAREDE - ABRANTES  
 969 955 600

- REPARAÇÃO DE CALÇADO •
- PRODUTOS E AFINS •
- ARTIGOS EM PELE •
- REPARAÇÃO DE MALAS E ACESSÓRIOS •
- CHAVES E CHAVES CODIFICADAS •
- CHAVES COMANDO AUTO •
- PORTA CHAVES • COMANDOS •
- MATRÍCULAS •

**MÓVEIS  
 MOVÍRIS**  
 Móveis . Colchões . Sofás  
**VÁRIAS PROMOÇÕES  
 E BONS PREÇOS**  
 241 377 494  
**ALFERRAREDE**  
 Ao lado da SAPEC,  
 em frente às bombas combustíveis BP

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE



/ Patrícia Seixas  
/ DIRETORA

Portugal viveu a pior tempestade de que há registo. A destruição é enorme no centro do país e temos concelhos da nossa área de abrangência completamente devastados. O nome Kristin vai ficar gravado na nossa memória para sempre. Mas a destruição todos temos visto e ouvido através dos meios de comunicação social. A palavra de ordem agora, e por muito tempo, é reconstruir. E, como sempre, os portugueses mostram que são unidos na catástrofe. As ações de solidariedade multiplicam-se um pouco por todo o lado. A comunidade civil, as empresas... todos de mãos dadas para tentar mitigar o sofrimento daqueles que ficaram desprotegidos. E todos somos poucos.

Também aqui na região há pessoas a mobilizarem-se e a deslocarem-se para Leiria e Marinha Grande, locais muito afetados pela tempestade, mas - pergunto eu - tentaram saber se os nossos vizinhos, do próprio concelho ou dos concelhos ao nosso lado, também precisavam de ajuda? Dos concelhos da nossa região, Mação, Vila de Rei, Ferreira do Zêzere, Tomar e Ourém também sofrem com a devastação. E, muito provavelmente, também agradeciam essa ajuda. Bem sabemos que as televisões mostram mais esses cenários, mas é público que houve outros concelhos bastante atingidos pela Kristin.

E agora vamos às críticas. Críticas ao Governo, à Proteção Civil, ao Exército, aos autarcas, aos presidentes de junta... é à escolha do freguês. Caramba! Foi a pior tempestade que já passou pelo nosso país desde que há registos. Os avisos meteorológicos foram mais do que muitos e a "sorte" disto tudo foi o mau tempo ter surgido durante a noite. Não quero nem pensar o que poderia ter sido se acontecesse durante o dia, com a maioria da população a ignorar os alertas. Claro que compreendo a aflição de quem ficou "despido" em segundos. Claro que compreendo que as pessoas queiram ajuda agora, neste preciso instante. Estão desesperadas e com razão. Mas não compreendo, como se viu em imensas imagens, que esplanadas fossem deixadas na rua, que não tivessem o cuidado de retirar de quintais e varandas tudo o que pudesse ser arremessado com o vento e outras situações parecidas. Em Portugal, ainda estamos longe de ter uma cultura de prevenção. Posto isto, será que a "culpa" é toda das instituições? Precisamos de voltar a enxovalhar a nossa Proteção Civil que tem estado com todos os meios no terreno? Será que a ajuda não foi prestada a tempo, como muitos dizem? Será que preferem ver os governantes nas televisões em vez de saberem que estão a trabalhar para resolver a situação? Será? Ao que parece, estes cenários de tempestade vão passar a fazer parte da nossa realidade. Há muita coisa que tem que ser alterada neste país mas, de uma vez por todas, podemos começar a mudar nas nossas próprias casas? Boas leituras e até março.

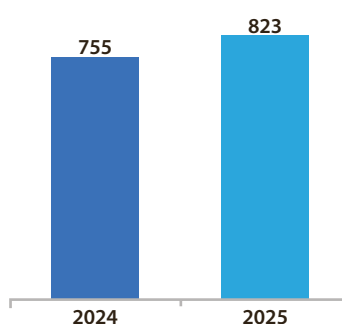
## Maternidade de Abrantes ultrapassou os 800 partos em 2025

A Maternidade da Unidade Local de Saúde do Médio Tejo (ULS Médio Tejo), localizada em Abrantes, atingiu em 2025 um marco relevante da sua atividade assistencial ao ultrapassar os 800 partos anuais, registando 823 nascimentos, face aos 755 partos verificados no ano anterior. Do total de bebés nascidos, 400 são meninas e 423 são meninos. A Maternidade mantém uma forte ligação ao território, com 40% dos partos correspondentes a utentes do concelho de Torres Novas, 30,7% ao concelho de Abrantes e 14,7 por cento do concelho de Tomar, assumindo-se como uma resposta estruturante para a população da região do Médio Tejo.

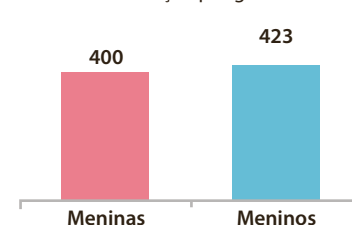
Paralelamente, verifica-se um reforço do papel da Maternidade enquanto unidade de referência suprarregional. Cerca de 14% dos nascimentos (115 bebés) dizem respeito a utentes provenientes de fora da área de abrangência da ULS Médio Tejo, destacando-se os concelhos de Santarém, Leiria e Caldas da Rainha, responsáveis por 98 desses partos. Durante o ano de 2025 registaram-se 12 partos de gémeos.

Em linha com a realidade obser-

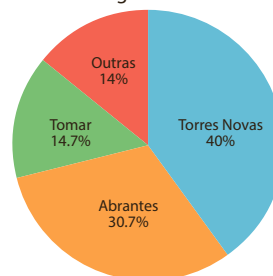
Nascimentos Maternidade Abrantes



Distribuição por género



Origem Utentes



Nacionalidade



vada noutras maternidades da região de Lisboa e Vale do Tejo, a Maternidade de Abrantes registou cerca de um terço de nascimentos de mães de nacionalidade não portuguesa,

correspondendo a um total de 25 nacionalidades distintas, entre as quais as nacionalidades brasileira e angolana representam cerca de três quartos destes partos.

## AS VOZES DA RÁDIO /

### “Um Certo Oriente” António Rodrigues

Estreou na Antena Livre no início de 2026 o programa “Um Certo Oriente”.

Um novo espaço de partilha musical, de entretenimento, de encontro de culturas e de saberes.

Produzido e realizado por António Rodrigues, “Um Certo Oriente” procura levar até aos ouvintes da Antena Livre a melhor seleção musical, as curiosidades de ontem, de hoje e de sempre, bem como os pensamentos simples que nos chegam dos insondá-

veis e envolventes destinos do Norte de África, Médio Oriente, Golfo Pérsico, da região peninsular do sul da Ásia e mais além...

Para ouvir de Domingo para segunda-feira à meia noite na Antena Livre e ao Domingo às 20h00 na Rádio Tágide.

“Um Certo Oriente”, uma proposta de António Rodrigues.

96.7 fm  
www.antenalivre.pt  
www.radiotagide.pt  
App Antena Livre



# Queria aprender acordeão, mas é com a guitarra que brilha nos palcos e no The Voice

// Paulo Bispo tem 46 anos, é professor de música, guitarrista e natural de Bemposta. Queria aprender acordeão, mas acabou por começar as aulas de viola. Andou em projetos como a banda de baile Atlântida, depois os Putos da Noite e os SOS. Seguiu para Lisboa, dá aulas em quatro escolas e é o guitarrista de Paulo de Carvalho e do Júlio Iglésias Júnior. De há três anos a esta parte, faz parte da banda do The Voice, The Voice Gerações e do The Voice Kids.

/ por Jerónimo Belo Jorge

**A tua paixão pela música e pela guitarra começou quando?**

Comecei lá na minha terra, na Bemposta. Havia uma banda filarmónica que tinha como maestro o Sr. Cadete, que infelizmente já não está entre nós. EU comecei a assistir a alguns ensaios e em casa que gostaria de fazer parte. No início estava com algumas dificuldades em escolher um instrumento. Tinha aí uns oito anos e, nessa altura, queria tudo. O acordeão era um bocadinho mais caro do que a guitarra e os meus pais tentaram impingir-me outro instrumento. Como poderia desistir passado dois ou três meses, então impingiram-me outro instrumento e fui para a guitarra. Entretanto, fiz as lições do solfejo porque antigamente nós começávamos sempre pela parte teórica. Hoje em dia, o trabalho que é desenvolvido com os miúdos já está mais equilibrado, não temos que fazer logo a parte teórica e depois a parte prática, dá para fazer tudo em simultâneo. Mas naquela altura eu comecei com a parte teórica e posteriormente é que passei para a parte prática, quando atingi uma determinada lição. Não sei se na altura era a lição número 100 do solfejo e só a partir daí é que poderíamos adquirir o instrumento e começar a tocar.

**E gostaste logo da guitarra, para quem queria acordeão?**

Sim, eu gostei da guitarra. Contudo, não sabia também a dificuldade inerente a qualquer instrumento. Quando vemos alguém que já toca há algum tempo parece que é fácil de executar, mas depois quando nos deparamos e quando realmente temos o instrumento nas nossas mãos e queremos tirar algum som dele, aí vemos a dificuldade que cada um tem.

Eu lembro-me que no início conseguia fazer algumas coisas na guitarra, mas não era nada, até porque tinha começado há relativamente pouco tempo, não era nada elaborado. Entretanto, a banda filarmónica, terminou e eu comecei a ter aulas com um dos



alunos que fazia parte da banda. Era o Manuel Oliveira, também da Bemposta. Ele andava no Conservatório Regional de Tomar e falou com os meus pais, porque é que não me inscreviam também no Conservatório.

**E aconteceu?**

Com cerca de 11 a 12 anos, fui para o Conservatório Regional de Tomar, onde fiz o quinto grau e onde tive aulas com o professor José Horta. E no meio deste hiato temporal, de quando estava no Conservatório, fui convidado também para fazer parte da banda lá da Bemposta, que era os “Atlântida”. Com 12, 13 anos, salvo erro, entrei para essa banda. Estava no Conservatório e ao fim de semana nas festas verão, com os Atlântida.

**Paulo, e comesas na guitarra clássica, depois com a variação**

**guitarra elétrica, porque entrando na banda já se entra pela parte da guitarra elétrica?**

Exatamente, comecei com a guitarra clássica e no Conservatório a música era erudita, clássica. Quando fui para esta banda, os meus pais depois compraram-me uma guitarra elétrica, e eu lembro-me que...

**... fazias muito barulho em casa, com a elétrica?**

Fazia muito barulho em casa, quando estava de férias, no verão, eu chegava a tocar oito horas por dia, ou seja, acordava, ia tocar, ia almoçar, ia tocar. Contabilizando as horas, eu cheguei a tocar oito horas por dia. Aquilo dava-me muito prazer, porque era na altura em que eu via a minha evolução.

**É nessa altura que se começa a**

**descobrir todas as variantes da guitarra elétrica, quando se começam a adquirir os pedais e as caixas de efeitos e de distorção e toda aquela panóplia de efeito?**

Sim, sim. E foi através deste meu colega, que me levou para o conservatório de Tomar, que me “mostrou” o Joe Satriani. Fiquei apaixonado por aquela sonoridade. Na altura tinha colegas que compravam revistas que vinham do Brasil e que traziam músicas de várias bandas. Às vezes traziam músicas também desses guitarristas, o Joe Satriani, Steve Vai, que eram os Guitar Heroes. Eu adorava aquilo. Eu devorava aquilo tudo para tentar tocar os temas e tentar fazer aquelas técnicas que o Joe Satriani e o Steve Vai faziam. Aí evolui muito na parte da técnica, a tocar esses temas. E como os meus pais viam que eu me dedicava muito àquilo, pedia-lhes coisas. Pedia um amplificador e lá o meu pai comprar um amplificador maior do que eu. E depois pedais e essas coisas todas. Foi assim também que eu comecei cada vez mais a motivar-me e a querer aprender cada vez mais, e a praticar e a praticar. Hoje em dia ainda continuo a estudar, ainda continuo a tentar explorar estilos que não me são tão familiares.

**Há uma altura em que uma coisa é tocar, pôr a partitura à frente e fazer a execução. Outra coisa é todo o andamento que dá, a querer colar-te ou não a um estilo como o Satriani. Para além da técnica é preciso ter mais qualquer coisa em ti para “poderes brincar com a guitarra”?**

Sim, eu acho que eu poderia conseguir tocar essas músicas todas, erudita, clássica, os temas do Satriani. Eu tento pôr também a minha sensibilidade ao tocar, porque se eu não estiver a sentir nada daquilo que eu estou a tocar, eu também não consigo transmitir nada para ninguém. Tenho de estar a sentir para depois poder transmitir algum sentimento a alguém que me possa estar a ouvir, e nesse sentido, não sei também como é que isso se adquire. Eu sei que praticando muito, adquire-se a técnica.

**Eu tento pôr também a minha sensibilidade ao tocar, porque se eu não estiver a sentir nada daquilo que eu estou a tocar, também não consigo transmitir nada para ninguém**

**Alguma vez te deu para escrever música, ou apenas a vontade de tocar?**

Eu estive no conservatório, fiz o quinto grau e depois fui para a Escola Superior de Educação em Lisboa, para a licenciatura como professor de primeiro ciclo, com a variante de educação musical. Após ter feito isso tudo, inscrevi-me numa escola de jazz também, fiz o curso geral de jazz. Nessa escola, nós tínhamos trabalhos que era compor temas, temas mais ligados ao jazz. Aí fiz algumas coisas, mas, porque eram trabalhos. Há muita gente que me pergunta quando é que lanço um álbum. Mas não sei, acho sempre que aquilo que eu vou fazer já alguém fez, ou acho que já ouvi isto. Ou seja, quando eu tento fazer alguma coisa, parece que me bloqueia ali o facto de pensar, “mas eu já ouvi isto em algum lado.” ▶

► E eu sei que perfeitamente que há muitas músicas que são umas parecidas com outras, e que são originais. Mas acho que é um bloqueio que eu ainda não consegui ultrapassar.

**Ainda aspiras a escrever, vais continuando a tentar ou estás mais virado para o ensino e por executar, tanto em palcos como na televisão?**

Acho que ainda poderei fazer qualquer coisa sim, até porque nas bandas originais que tive ou que tenho, há sempre a parte em que eu faço sons de guitarra. Isso de alguma forma é uma composição minha, mesmo que seja feita em estúdio.

Coletivamente há parte do ensino. Dou aulas em quatro escolas. E depois estou no The Voice (programa da RTP) e tenho ainda outros projetos.

**É sempre a correr?**

É muito a correr. Estou no The Voice, estou também com o Paulo de Carvalho, porque a banda é praticamente a mesma e estou também com o filho do Júlio Iglésias, que é o Júlio Iglésias Júnior. Fiz agora a passagem do ano em Vila Moura, no Algarve.

**Consegues ter agenda, tempo para isso tudo?**

Às vezes não é nada fácil, porque depois tenho que compensar as aulas. Por exemplo, ao sábado não costumo trabalhar de manhã e hoje (dia de gravação da entrevista) tive que ir dar aulas de manhã para compensar dias que faltei, porque já estamos agora a gravar as provas cegas do The Voice Kids. É non-stop, é sempre a andar. Estamos agora com as provas cegas do Kids e depois deverá vir o Gerações, não sei.

**Mas tiveste sempre em projetos de covers, bandas de bares?**

Sim, mas é um problema, porque às vezes os bares acabam às 3, 4 da manhã a chegar a casa e ter de estar às 8 e tal, 9 da manhã para os ensaios do The Voice... o corpo já não aguenta. Mas sim, continuo a ter bandas de covers, de vez em quando toco em bares.

**Paulo, vamos então ao The Voice. Como é que surge a oportunidade?**

Estive numa escola na JB Jazz e conheci lá um professor de formação musical e de Harmonia Jazz, que era guitarrista também, o Ricardo Barriga. Foi o primeiro guitarrista, na altura que programa era a “voz de Portugal” que foi o Denis Filipe que ganhou. O Ricardo Barriga, foi o primeiro guitarrista da banda e na altura ele falou comigo para ser o segundo substituto. Era o Ricardo Barriga, primeiro



guitarrista, depois havia o Alcides Miranda, primeiro substituto, e eu, desde o início, era o segundo substituto. Entretanto, o Ricardo Barriga quis sair, mas os meus colegas de banda, o Hélder Godinho, o David Gerónimo e o Pedro Pinto conheciam outro guitarrista, o João Teixeira. Então foi para lá o João, esteve lá um ano, mas depois também saiu. Lembraram-se de mim e mostraram ao Fernando, que é o maestro. Temos um maestro, depois temos um diretor musical que gere a nossa parte dos músicos, que estão lá a tocar. E há alguém acima, que é o Fernando, que faz a edição das músicas. Porque aquilo tem que ter um formato entre dois a três minutos, as músicas não podem ser muito grandes, por isso é que aquilo tem sempre verso, refrão, refrão, nunca costuma ter bridge. Há músicas que têm que ser cortadas, pelo formato de televisão têm que ser cortadas. Falaram de mim e convidaram-me. Na altura fiquei um bocadinho receoso, porque não sabia bem com o que é que ia contar, e se era muito difícil, se não era muito difícil. É exigente, ao nível de músicas. É um repertório que estou habituado, mas são muitas músicas...

**... muitas músicas e todas as semanas a mudar, não é? Não é**

**propriamente uma banda que vai fazer um concerto e que tem um alinhamento próprio?**

Há músicas que nós estamos habituados, eu já toquei muitas músicas que nós tocamos lá, mas estamos habituados a tocar noutra tonalidade, ou no tom original. Nós chegamos lá, há uns vocal coach que treinam os concorrentes...

**... mas há vários formatos, as provas cegas, tem os tira-teimas, as galas. E vocês estão sempre presentes, lá atrás?**

Nós costumamos fazer assim. Costumamos ter um dia de ensaios. Quando são as provas cegas temos um dia de ensaios com os concorrentes. Cada concorrente ensaia uma, duas ou três vezes pelo menos e gravamos, as músicas são sempre gravadas, para quê? Para nós podermos depois ouvir em casa e para dar aos concorrentes. Há uma faixa gravada com a voz deles e outra sem a voz, para eles poderem treinar em casa, tipo karaoke, por cima daquilo que nós gravámos e o que é estipulado é que nós temos tudo, todas as músicas estão em pauta. Então nós temos que nos cingir àquilo que fizemos, porque não podemos ir tocar uma coisa hoje no ensaio e depois ir para a prova cega e tentar fazer ali alguma alteração. Não pode ser. Tem que ser igual àquilo que nós fizemos no ensaio, tanto a nossa parte como a parte do concorrente. No The Voice Kids, são miúdos pequeninos, se nós fizermos alguma coisa diferente, eles podem se atrapalhar e correr mal também a prova.

**Terminou agora The Voice, com mentores, Calema, Sónia Tavares, Sara Correia e o Fernando Daniel. Quando estão nestes ensaios, os mentores também participam, ou o ensaio, já em termos de programa, é feito entre a banda do The Voice e o concorrente?**

Os mentores costumam dar um apoio muito grande na escolha dos temas e trabalhar com eles através de vídeos que eles enviam. Por exemplo, o Fernando Daniel costuma explicar às vezes técnicas que eles podem utilizar para atingir algumas notas ou sustentar mais a nota, que a nota fique mais longa, se for esse o objetivo, chegar a notas mais agudas, mais graves.

**Vocês ficam surpresos com vozes que surtem ali, tanto nos miúdos como nos mais velhos?**

Sim, sim, ficamos. Nós, entre nós, falamos sempre, porque nós temos microfones internos só para nós estarmos a falar. Nesta última edição, o Rafael (vencedor) consegue fazer da voz o que quer.

Quando pensamos que ele já está na nota mais aguda, depois ele ainda consegue esticar e ir mais lá acima, que nos deixa, quem minimamente percebe das coisas, que nos deixa um pouco de boca aberta.

**Vocês sentem também isso, quando eles conseguem fazer e fazer bem. Sentem isso lá atrás, Paulo?**

Sim, sim. Já aconteceu a arrepiar-me também estar a tocar, e a arrepiar-me porque nós estamos, a escuta que nós temos é um bocadinho diferente daquela que está lá no palco.

**Televisão representa muitas horas de trabalho antes do programa?**

As pessoas às vezes não têm a noção da quantidade de horas que nós estamos lá. O telespetador só vê quando o programa começa e quando a Catarina entra a dizer boa noite ou quando entra alguém em palco.

**E acompanhar os mentores ou convidados, como, por exemplo o Pablo Alborán?**

Sinto como gratificante o facto de estar ali a poder estar a trabalhar com alguém que eu nunca pensei que poderia trabalhar, não é? Como filho do Júlio Iglésias, acabo por ser um artista internacional que eu nunca pensei que poderia trabalhar, tal como o Paulo de Carvalho, que é um artista nacional, mas é um artista que tem muitos anos de Carreira. Naturalmente que o Alboran é um artista internacional... é a mesma coisa que estar a tocar com os mentores, eu nunca pensei em tocar com a Sara Correia ou com a Sónia Tavares, ou com os Calema ou com o Fernando Daniel, não é? E a verdade é que nós tocamos com eles.

**Pergunto-te hoje, em 2026, se o Joe Satriani ainda é um dos teus ídolos, ou, entretanto ganhaste outros?**

Ainda é, mas comecei a ouvir outras coisas.

**Paulo, 2026 para lá estão todas as aulas, do The Voice vais manter-se nos restantes projetos, ou haverá novidades?**

Eu acho que em princípio são só esses para já. E não são poucos. Também costumo ir tocar com a Orquestra Nova de Guitarras do Pinhal Novo. Vou tocando de vez em quando, em bares, também com os Martini Shot.

**NOTA:** Pode ouvir a entrevista na íntegra no programa Disto & Daquilo, na Antena Livre sábado (dia 7 fevereiro) às 12 e às 18 horas.

Sinto como gratificante o facto de estar ali a poder estar a trabalhar com alguém que eu nunca pensei que poderia trabalhar

Fazia muito barulho em casa, quando estava de férias, no verão, eu chegava a tocar oito horas por dia, ou seja, acordava, ia tocar, ia almoçar, ia tocar

## Santa Margarida está novamente sem médico de família

// A Câmara de Constância aguarda por indicações da ULS Médio Tejo para que se consiga encontrar solução para a falta de médicos no concelho. Neste momento, Santa Margarida volta a estar sem clínico.

A aldeia de Santa Margarida da Coutada, no concelho de Constância, está novamente sem médico de família. A situação vive-se desde o dia 2 de janeiro.

A informação foi transmitida na última reunião de câmara pelo presidente. Aos jornalistas, Sérgio Oliveira fez depois um ponto de situação sobre a questão dos médicos em falta no concelho, que reflete a realidade que se vive no país.

“Temos uma médica do quadro que presta serviço em Constância e na Extensão de Saúde de Montalvo, portanto aqui não temos problemas graves, mas a resposta que está a ser dada neste momento em Constância também não é suficiente, tendo em conta o número de utentes”, disse o autarca. Sérgio Oliveira adiantou ainda que há uma outra médica “aposentada que presta serviço aqui, mas só na área do



/ Extensão de Saúde de Santa Margarida conta apenas com serviço de enfermagem

planeamento familiar, da diabetes, nessas áreas mais específicas. Temos outra prestadora de serviço que, se a memória não falha, vem à sexta-feira e presta serviço aqui em Constância, e

que é na verdade uma médica de recurso”.

Em Santa Margarida da Coutada, a Extensão de Saúde está sem a médica de família “desde o dia 2 de janeiro” e, segundo o presidente da Câmara, “estava perspectivada a vinda de uma médica que fazia a tarde de quinta-feira em Santa Margarida e era para começar esta semana, mas a verdade é que isso não se concretizou”.

Sérgio Oliveira disse estar “à espera também que a ULS me esclareça esta e a outra questão”, lembrando que “o ano passado decorreu um concurso para a colocação de médicos em que concorreu uma médica para o nosso concelho, não veio porque está de licença de maternidade, mas aquilo que nos foi transmitido foi que no início deste ano, entre janeiro e fevereiro, viria, portanto também queremos saber se vem e quando é que vem.

Se essa médica vier, temos uma solução para reforçar Constância e para voltar a ter médicos em Santa Margarida”.

Mas há ainda uma outra questão porque, “se entretanto demorar algum tempo” a vinda dessa médica, “só temos a possibilidade de ter uma prestação de serviços”. É aí que se coloca o problema porque, como disse Sérgio Oliveira, “antes ainda existia a possibilidade de contactar três ou quatro médicos em prestação de serviço, mas é que neste momento já temos essa dificuldade, já nem isso existe”.

Portanto, até ver, a Extensão de Saúde de Santa Margarida da Coutada conta apenas com serviço de enfermagem e “as pessoas que queiram ter uma consulta médica, têm que deslocar a Constância e vir ao recurso. A Constância ou a Abrantes”.

/ Patrícia Seixas

# DACIA SERVICE



AO FAZER A MANUTENÇÃO NA MERCAR



MAKE IT LAST\*\*

\*Garantia Dacia ZEN: 1 ano de garantia para o seu Dacia por cada revisão que faça na marca. Cobertura máxima de 7 anos ou 150.000km (o que primeiro ocorrer). Exceto táxis, TVDE, escolas de condução, RAC e Entidades públicas. Consulte a elegibilidade e condições.

\*\* É PARA DURAR

PUBLICIDADE

## Ampliação de zona industrial adjudicada mas obra só avança com candidatura aprovada

// A 4.ª fase de ampliação da zona industrial de Montalvo, no concelho de Constância, tem a empreitada adjudicada. No entanto, a obra só terá início quando a candidatura aos fundos europeus for aprovada.

O ponto foi a reunião de Câmara no dia 22 de janeiro e foi explicado pelo presidente, que disse que “esta proposta é no sentido de adjudicação da empreitada para a ampliação da zona industrial de Montalvo à empresa que ficou colocada em primeiro lugar, Construções Martins e Reis, pelo valor de 510 mil euros”. Sérgio Oliveira justificou o facto do tema vir novamente à Câmara. É que, explicou o autarca, “abriu um aviso de fundos comunitários para esta candidatura da zona industrial”. Na altura, “nós submetemos a candidatura e não reparámos nisso - as candidaturas de antes não eram assim, mas agora algumas são assim - e exigiam que, à data da submissão da candidatura, tivéssemos já o concurso da empreitada lançado e nós não tínhamos. Ainda contrapusemos, (...) mas na altura em que veio a decisão de não-aprovação da candidatura, já tínhamos o concurso lançado, mas isso não foi aceite”. A ampliação da zona industrial “está na nossa ITI, está no quadro comunitário, portanto, é uma questão de tempo até abrir outro aviso para candidatarmos isto. O que nos foi transmitido foi que nos próximos meses vai abrir um novo aviso para nós nos podermos candidatar”.

No entanto, Sérgio Oliveira que no procedimento “colocámos que só iniciariamos a obra se a candidatura fosse aprovada. Portanto, nada impede que terminemos o processo de adjudicação, da assinatura do contrato, mas a obra só se inicia com a aprovação da candidatura a fundos comunitários”.

### “Falamos de muito dinheiro que é da Câmara, que pode ser rentabilizado”

João Pedro Céu, vereador eleito pela CDU, lembrou que “com esta contrapartida comunitária, que ainda não há certeza de que vem, pelo que eu percebi, a Câmara ainda tem que entrar com receitas próprias para a conclusão da obra. E tudo bem”.

Contudo, alertou para os lotes que não estão a ser utilizados e que foram anteriormente cedidos e reivindicou a urgência da reversão de sete lotes pois, como disse, é muito dinheiro da Câmara que ali está parado.

João Pedro Céu disse que “fazendo as contas, estão ali previs-

tos sete lotes e fazendo as contas, cada um destes lotes sai a mais de 100 mil euros cada lote, porque se incorporarmos o valor da compra do terreno”, que foi de 90 mil euros, “dá à volta disso”. O vereador disse querer sensibilizar “para a necessidade e a urgência de fazer a reversão dos lotes industriais que estão identificados e que o processo ainda não está concluído. Porque estamos a falar no mínimo de cinco, eu acho que se a coisa for bem analisada são sete, e estamos a falar de muito dinheiro. É óbvio que na altura não foi este o valor, mas aos valores reais, estamos a falar de 100 mil euros por cada lote. Falamos de muito dinheiro que é da Câmara, que pode ser rentabilizado, que pode constituir oferta para empresas que se queiram instalar e que ainda não há, pelo menos que eu saiba até à data, qualquer desenvolvimento no sentido da reversão”.

Sérgio Oliveira explicou depois que esse é um processo que “já está em andamento”, pois “os ofícios com a intenção de reversão saíram esta semana da Câmara Municipal, e demos o prazo de 10 ou 15 dias para as empresas se pronunciarem”.

Com a questão da reversão dos

lotes esclarecida, João Pedro Céu justificou o voto favorável afirmando que “foi meu compromisso na campanha que não iria inviabilizar nenhum projeto que estivesse em andamento à altura das eleições e, portanto, mantenho a minha palavra, porque acho que nós somos pessoas de palavra. Mas temos ali cinco lotes parados e temos que rentabilizá-los, porque era para o benefício de todos”.

Na Declaração de Voto que entregou, relativa a este ponto, o vereador comunista lembra que “o processo de adjudicação da empreitada para a execução da ampliação do Parque Industrial de Montalvo, não determina, por si só, o início dos trabalhos. A intervenção fica condicionada a financiamento comunitário, no âmbito do PT2030.

Sendo certo que a ampliação do Parque Industrial de Montalvo é importante para garantir atração de investimento privado, gerando emprego e dinamizando a economia, não se percebe o atraso na reversão dos lotes industriais atribuídos e que não foram, até à data, recuperados pela câmara o que poderia aumentar, desta forma, a oferta de lotes a potenciais investidores. (...) Votamos favoravel-

**Ampliação da zona industrial de Montalvo aprovada por maioria, com os votos do PS e da CDU. O CHEGA votou contra.**

mente, e esperamos que o processo de candidatura ao financiamento comunitário seja feito, respeitando os prazos e as regras comunitárias para que a referida ampliação seja uma realidade”.

### “Deveria ser verificado um investimento (...) para o lado de Santa Margarida”

Já Fernando Guedes, vereador eleito pelo CHEGA, votou contra a proposta. Embora considere que “o crescimento da zona industrial deveria ser e é um objetivo do concelho”, defende que “deveria ser descentralizado, não só Montalvo, mas também outros setores, nou-

tros lados, também Santa Margarida, onde há a possibilidade de fazer isto”. O vereador do CHEGA garantiu que “continuo a apoiar tudo o que for para crescimento, sempre, incondicionalmente” e, “em relação ao aumento do parque industrial, tendo terrenos vazios, tendo ainda lotes que podem ser revertidos, eu, sinceramente, acho que o investimento seria favorável, mas não na totalidade para Montalvo”. Fernando Guedes disse que “deveria ser verificado um investimento que pudesse criar algum campo, alguma alternativa para o lado de Santa Margarida”. Reconheceu que há “o problema dos PDM’s, mas também foram feitas algumas modificações pela Câmara em alguns PDM’s para beneficiar outras instituições”. Portanto, afirmou, “também há a possibilidade de fazer isto, também temos essa alternativa. “Não é só o PDM, como a REN, tem uma série de fatores que podem influenciar, (...) mas podemos fazer com que o lado de Santa Margarida tenha mais investimento, tenha crescimento”.

Na Declaração de Voto que o vereador do CHEGA apresentou para justificar o voto contra, consta que “considero que o crescimento industrial é de extrema urgência e necessidade para o concelho, porém, na zona industrial em referência, ainda existem vários lotes por ocupar e pelo menos cinco que estão à espera de reverter a Câmara, ao abandono ou à espera de arrendamento. Atrair investimentos para o concelho de Constância não se trata somente de desenvolvimento económico, mas também de postos de trabalho e habitação. Este investimento (...) é duvidoso e incerto na captação de empresas, como é visível na zona industrial de Montalvo”. Defende que “cabe à Câmara Municipal criar alternativas em outras áreas municipais e canalizar este investimento, com o intuito de aumentar a capacidade de angariar empresas para o concelho. Assim sendo, voto contra”.

A 4.ª fase de ampliação da zona industrial de Montalvo foi então aprovada por maioria, com os votos favoráveis dos vereadores do PS e do vereador da CDU. O vereador do CHEGA votou contra. A obra só terá início quando a candidatura aos fundos europeus for aprovada.

/ Patrícia Seixas



/ Zona Industrial de Montalvo vai ser ampliada e Câmara tem em curso processo de reversão de alguns lotes

# Nersant leva Ribatejo Invest a todos os concelhos do distrito

// A NERSANT – Associação Empresarial da Região de Santarém - Câmara de Comércio e Indústria iniciou, no âmbito do projeto financiado Competitive Sustainability, o Roadshow Ribatejo Invest 2030.

O pontapé de saída aconteceu em Abrantes, numa sessão realizada no Tagusvalley em que estiveram presentes mais de 60 participantes. A iniciativa vai percorrer os 22 concelhos das sub-regiões do Médio Tejo e Lezíria do Tejo.

O objetivo é a apresentação dos programas de apoio às empresas destas sub-regiões, promovendo o investimento, a inovação e o reforço da competitividade empresarial.

A sessão de abertura contou com as intervenções de Rui Serrano, presidente da Direção da NERSANT, e de Manuel Jorge Valamatos, presidente da Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo e da Câmara Municipal de Abrantes. Ambos sublinharam a importância da proximidade às empresas e do trabalho em parceria entre os diversos agentes regionais.

Na sua intervenção, Rui Serrano destacou a missão da NERSANT enquanto associação empresarial e câmara de comércio e indústria da região de Santarém, centrada no apoio ao investimento, à inovação e à competitividade das empresas. O responsável reforçou que o Roadshow Ribatejo Invest 2030 nasce precisamente com esse propósito, aproximando as entidades

de apoio do tecido empresarial, promovendo o esclarecimento e a ação concreta no território.

O presidente da Direção da NERSANT sublinhou ainda que esta iniciativa pretende ir além de sessões meramente informativas, assumindo-se como “um verdadeiro instrumento de ligação entre empresas, autarquias, entidades públicas e o sistema financeiro, fomentando uma cooperação efetiva, em rede, capaz de impulsionar a competitividade do Ribatejo”. Segundo Rui Serrano, este roadshow assinala também “um novo ciclo da NERSANT, marcado pela proximidade às empresas e por uma atuação mais ativa no terreno”.

A componente técnica da sessão esteve a cargo da NERSANT e da CIMT, com intervenções de Pedro Félix e Sónia Santos, que apresentaram os principais incentivos disponíveis nas áreas do investimento produtivo, digitalização, internacionalização e sustentabilidade. Em cada aviso foram explicados os respetivos objetivos, área geográfica elegível, investimentos abrangidos, taxas de apoio e despesas elegíveis.

Durante a sessão foi igualmente apresentada a Garantia Mútua,



através das suas linhas de financiamento em vigor, bem como o CR Inove, promovido pela CCDR Centro, um projeto de transferência de conhecimento entre a academia e as empresas, que atua como catalisador da inovação na região Centro, envolvendo diversos agentes regionais, entre os quais a NERSANT e a CIMT.

A NERSANT apresentou ainda os seus programas de formação financiados, nomeadamente o Líder+Digital, um programa de capacitação digital dirigido a li-

deranças empresariais que visa a elaboração de um plano de ação de transformação digital em cada empresa participante, sem qualquer custo de participação, bem como o Emprego+Digital e a Formação Modular Certificada, com diversas unidades de formação de curta duração (UFCD) disponíveis quer para empregados, quer para desempregados, igualmente sem qualquer custo de participação.

O presidente da CIMT, Manuel Jorge Valamatos, reforçou a importância do trabalho em parceria e em rede entre as entidades do território, sublinhando que o desenvolvimento regional só é possível através de uma atuação articulada e próxima das empresas. Segundo o responsável, “os apoios existem, estão disponíveis, e o nosso desafio coletivo é saber trabalhar em conjunto e fazer chegar a informação certa às empresas”, acrescentando que o papel das autarquias, das comunidades intermunicipais e das associações empresariais é determinante para garantir que estes instrumentos são efetivamente utilizados em prol do crescimento económico, da competitividade e da coesão do território.

Na sessão de abertura o pre-

sidente da CIMT, Manuel Jorge Valamatos, trouxe uma novidade para os empresários do Médio Tejo, especificamente. Ao abrigo do Fundo de Transição Justa, a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional Centro prepara-se para abrir um aviso de apoio a pequenas e médias empresas. Trata-se de um envelope financeiro de 5 milhões de euros. A própria CIMT vai fazer uma ação de divulgação do mesmo junto dos empresários da sub-região.

Com o arranque do Roadshow Ribatejo Invest 2030 em Abrantes, a NERSANT reforça o seu compromisso com o desenvolvimento económico regional, promovendo uma abordagem integrada e de proximidade que coloca as empresas no centro das estratégias de crescimento, inovação e sustentabilidade do Ribatejo.

Ao longo das próximas semanas e meses, o roadshow irá percorrer todo o Médio Tejo e a Lezíria do Tejo, apresentando oportunidades nas áreas da modernização tecnológica, transição digital, sustentabilidade, qualificação dos recursos humanos, internacionalização e acesso a financiamento.

/ Jerónimo Belo Jorge

**Este roadshow assinala também “um novo ciclo da NERSANT, marcado pela proximidade às empresas”**



# óptica alípios

Abrantes  
Alferrarede  
Ferreira do Zêzere  
Leiria  
Tomar

Siga-nos nas redes sociais   /optica.alipios

# Município cede antiga escola primária à Junta da Fundada para construção de habitação

// A Junta de Freguesia da Fundada apresentou uma proposta à Câmara Municipal de Vila de Rei para a cedência da antiga escola primária, com vista à construção de quatro fogos de habitação a custos controlados. A proposta foi aprovada.

**N**a reunião de Câmara de dia 2 de janeiro, o presidente da Autarquia, Paulo César Luís, deu conta da pretensão da Junta de Freguesia da Fundada.

“Sendo o Município proprietário do terreno onde se encontra a escola da Fundada” e havendo “necessidade de habitação para arrendamento” pois, como adianta a Junta de Freguesia, “havendo mais habitação, haverá a possibilidade de mais pessoas a viver na Fundada”, a Junta liderada por Manuel da Silva Mendes apresentou “duas opções para tentar resolver” a questão.

Assim, propôs a Junta, a cedência do terreno onde se encontra a escola e a cedência do edifício por 40 anos. O edifício conta com duas salas, uma delas vazia e a outra, a que levantou maiores questões, tem instalado o Museu Escola. Uma réplica exata de uma sala de aula tal como era na altura. Contudo, refere a Junta, “este Museu tem muito pouca procura”, tendo sido visitado duas vezes 2024 e outras tantas em 2025.

É então intenção deslocar o Museu para uma sala no 1.º andar da Junta de Freguesia.

Quanto ao edifício da escola, a Junta “compromete-se a construir o 1.º andar”, ficando assim com a possibilidade de construção de quatro habitações: dois T2 no rés-do-chão e outros dois T2 no 1.º andar. “Nós construíamos os apartamentos e ficávamos com as receitas”, conclui a proposta apresentada.

O presidente da Câmara Municipal de Vila de Rei quis depois ouvir a opinião dos vereadores e Miguel Silva disse ser “a favor da proposta, porque acaba por trazer valor àquilo que é a freguesia da Fundada”. Contudo, disse, “a única questão que eu tenho é relativamente à deslocação do museu atual para o edifício da Junta. Eu acho que aquele museu faz sentido é no seu todo, tanto do interior como do exterior. E a minha questão era tentar perceber se nós temos infraestruturas, antigas escolas primárias ainda sob a nossa gestão”, com vista a uma possível deslocação do Museu.

O presidente esclareceu que “sob a nossa gestão não temos nenhuma”. Existem escolas primárias que mantêm a traça original, “mas que têm o uso diferenciado daquele



/ Museu Escola aguarda agora solução para novo espaço e será melhorado

“Devemos procurar uma solução alternativa para expor o material que nós temos naquela junta de freguesia, seja para replicar aquela sala, seja encontrar a melhor forma de manter vivo aquele património que é de todos, que é da nossa memória, que é da nossa formação”, garantiu o autarca.

Mas agora, há que olhar para as prioridades e “este pedido da Junta de Freguesia vem nesse sentido. A Fundada possui um imóvel, cujo impacto para a freguesia é muito reduzido, e a Junta pretende atribuir-lhe mais valor, ou seja, que a infraestrutura fique ao serviço da comunidade, potenciando a cedência de habitação a custos controlados, numa obra que o senhor presidente da Junta já me disse que já tem a verba destinada para a realização das obras. É um processo que já estava a ser consolidado por eles”.

## A proposta

No final, o presidente da Câmara apresentou uma proposta onde se aprovou “a cedência por um período de 40 anos do usufruto do imóvel, permitindo à Junta a construção de habitações a custos controlados”. Por outro lado, “trabalharemos com a Junta de Freguesia para replicar aquilo que está dentro da escola, num outro espaço, e manter viva a memória de quem estudou naqueles termos”.

Paulo César Luís disse mesmo que o núcleo museológico poderá vir a ser melhorado no futuro, num novo espaço. “Aquilo que está lá é uma sala pura e dura daquilo que era o ensino naqueles termos, mas temos que procurar divulgar aquilo que eram as antigas escolas primárias, até porque nós temos registo fotográfico delas todas, e acho que podemos fazer quase que um museu, ou uma sala expositiva onde se faça essa alegoria a todas as escolas que estiveram ao serviço da nossa comunidade”.

A proposta foi aprovada por unanimidade. A Junta de Freguesia de Fundada vai ver cedida a antiga escola primária por um período de 40 anos e irá transformar o edifício escolar em quatro fogos para habitação a custos controlados.

/ Patrícia Seixas

a que foi dada quando a se construiu. Mas todas as escolas estão em uso, ou de uma associação, ou de um grupo de cidadãos que fazem dela a Casa de Oração, ou já foram transformadas no seu interior”.

Portanto, quanto a replicar o Museu Escola, o presidente disse que “nós poderemos, e tem que ser negociado com a Junta de Freguesia, verificar se é possível replicar numa das atuais associações que usufruem da escola. Sendo que, de caras, a da Seada tem um estado de conservação da antiga escola de uma forma bastante vincada. Mas usam o espaço e é o sítio onde os associados confraternizam e onde realizam as suas atividades. E a partir do momento em que nós colocarmos todo o espólio numa sala de qualquer escola primária, fica para aquele uso. E ficando exclusivo para aquele uso, corremos o risco de ficar sem outro uso. Nomeadamente como Casa de Oração ou como centro de convívio ou como apoio à população”. E Paulo César Luís lembrou que “foi exatamente por não ter uso, que a Junta de Freguesia está a propor realizar e promover habitação naquele espaço. Porque, de facto, tem muito pouca adesão”, referindo-se ao Museu.

Já o vereador Diogo Domingos, natural da Fundada, referiu-se à adaptação das pessoas, devido às

lembranças que têm da escola mas também não se opôs à proposta.

“Não me oponho e até acho que faça sentido, tendo em conta os poucos espaços que há para rendas controladas”, disse. Contudo, afirmou que “se calhar, a única coisa que se vai opor é os sentimentos das pessoas mais antigas que utilizaram aquilo como escola. A minha família esteve lá toda. Mas acho que tempos novos correm e temos que nos adaptar às novas realidades. E não podemos estar só a pedir habitação na sede do concelho, mas também temos que, nas outras aldeias, ter habitação mais controlada para atrair novas pessoas ou as pessoas que estão cá e querem sair de casa dos pais. Do meu lado, não acho que haja problema nenhum, até acho que é uma iniciativa muito positiva”.

## Ainda o Museu Escola

Miguel Silva voltou a falar dos números de visitação do Museu mas lembrou que, mais importante, são as memórias e vivências do povo. “Nós temos ali um museu que se calhar até acaba por ser único, não sei se é único ou não, mas não deve haver assim tantos museus quanto isso. Porque é uma réplica de uma escola primária antiga. Estamos a falar mesmo de uma réplica. E há aqui uma solução para o museu”. Para o vereador,

“cultura não é apenas números” e “poderia fazer sentido perceber também porque foram tão poucos os números. Se foi pela dinamização não ter sido a melhor, também não tenho esse conhecimento...”. Miguel Silva gostava era de “perceber se havia uma outra alternativa” mas “não me vou opor, como é óbvio, à proposta”. Não havendo alternativa, “temos que aceitar o que há”. Acrescentou também que “podemos perder ali um pouco... Se antes já era pouco dinamizado ou pouco utilizado, (...) acho que menos vai ser. Temos que refletir um bocadinho e perceber se faz sentido manter aquilo ou não. Ou encontrar outra solução, claro”.

Paulo César Luís disse perceber “a dor de perdermos algo que está associado à nossa identidade e à nossa cultura, e a quem nós somos enquanto povo coletivo”, mas voltou a referir que todas as escolas do Estado Novo estão cedidas ou já foram vendidas e “estão ao serviço da comunidade”. E falou da sua própria experiência “porque também o senti quando a escola do Milreu foi cedida para a construção de um lar. Senti que parte de mim desapareceu. O o que é certo é que a importância do lar de Milreu é sobejamente mais importante do que aquilo que era o uso que se estava a dar àquela escola, que era nenhum”.

# Concelho com nova viatura de combate a incêndios florestais

// A Praça da República foi o local escolhido para a apresentação da viatura de combate a incêndios florestais, equipamentos de proteção individual e outros meios entregues à equipa de Sapadores Florestais.



/ Nuno Morgado (à direita) explicou o funcionamento da nova viatura

David Lobato, comandante sub-regional da Proteção Civil do Médio Tejo, explicou que esta estratégia começou a ser pensada em 2021, ainda as estruturas eram distritais. E na altura começou a ser feito o planeamento das necessidades em cada uma das comunidades, Médio Tejo e da Lezíria do Tejo.

A decisão deste passo dado pela Comunidade Intermunicipal, “de mãos dadas com o comando sub-regional” foi a aquisição de seis veículos florestais. Depois acrescentou-se um veículo com a capacidade de ter moto bombas para grande débito, para retirada de água de caves, de inundações e cheias, outro para descontaminação ambiental, um veículo de carregamento de material como aparelhos respiratórios de circuito aberto ou fechado para ocorrências urbanas ou industriais. Este veículo ficará sediado Abrantes, um veículo. Há um módulo que ficará em Mação que terá só com geradores e foi pensado depois de percebermos as implicações do apagão. “É um veículo com cinco geradores de corrente elétrica, que dará para pôr, por exemplo, o hospital de Abrantes a funcionar.” E há uma embarcação para o Castelo de Bode, que pode fazer socorro

ou combate a incêndios florestais a partir da albufeira, ou acorrer a incêndios em embarcações.

E este investimento, ao abrigo do programa Portugal 2030, vai mais longe, estando em curso a aquisição de outra tipologia de equipamentos. Vão ser adquiridas tendas para os serviços municipais de proteção civil, 12 sistemas Starlink (internet via satélite) para a eventualidade de haver uma falha grave nas comunicações ou sistemas terrestres, a que se junta um lote de tablets reforço de apoio à decisão dos operacionais que comandam no terreno.

O presidente da Câmara de Sardoal, Pedro Rosa, destacou a complementaridade entre os vários municípios, neste pacote de apoio ligado à Proteção Civil, mas afirmou que é preciso incluir neste sistema, neste ecossistema, a parte da prevenção. E nesta área o “Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) e a nossa equipa de sapadores florestais também merecem a nossa atenção e o nosso empenho naquilo que é a criação das melhores condições também para que possam trabalhar ao nível da silvicultura preventiva.”

Nuno Morgado, comandante dos Bombeiros de Sardoal, explicou depois aos presentes a viatura

que está já ao serviço da sua corporação. “Aquilo que ficou atribuído para o funcionamento no Sardoal é um módulo de apoio ao combate, especificamente de apoio ao combate aos incêndios rurais.”

Já ao nível os operacionais, o lote de equipamento, incluiu 272 equipamentos de proteção individual. Foram adquiridos e distribuídos pelas corporações de bombeiros da sub-região do Médio Tejo. “Estes kits, ou seja, estes conjuntos de equipamentos de proteção individual, cada um tem um custo de forma geral de aproximadamente 2 mil euros.”

Marco Santos, responsável pelo ICNF apresentou também um conjunto de equipamentos adquiridos para as várias equipas de sapadores. Este investimento foi feito no âmbito do PRR, equipamentos que têm como objetivo aumentar a capacidade de execução destas equipas. Vêm substituir realmente equipamentos que já estão com algum desgaste e é a tentativa de conseguirmos reforçar aquilo que é a capacidade de intervenção no território, pormos mais gestão de combustível no território e assim aumentarmos a capacidade de fazer uma prevenção mais ativa”, frisou Marco Santos.

/ Jerónimo Belo Jorge



Agende a sua consulta gratuita

MultiOpticas

Olha por mim, sempre



Até **-50%**  
em Lentes Graduadas

ABRANTES: PRAÇA BARÃO DA BATALHA, 3/5

02/01/2026 a 31/03/2026

MultiOpticas.pt

Promoção válida nas lojas aderentes de 02/01 a 31/03/2026 na compra de armação + lentes a partir de Bronze (exclui lentes base com antirrisco), não acumulável com protocolos gerais e convencionados nem com outras promoções em vigor na loja. Não aplicável em armações Nuance Audio nem em armações dos Preços Leves. Informe-se sobre todas as condições junto dos nossos colaboradores e em [www.multiopticas.pt](http://www.multiopticas.pt).

# Câmara de Abrantes relançou concurso para grande rede de ciclovias e pontes

// O concurso para elaboração do projeto da “Rede de Percursos, Pontes e Ciclovias que ligam a Terra ao Rio Tejo – Abrantes” voltou a ser lançado, com aprovação na reunião do executivo municipal de 7 de janeiro.

O novo procedimento concursal teve de ser feito uma vez que o anterior tinha sido anulado por erros técnicos da plataforma eletrónica.

A informação foi explicada pelo presidente da Câmara de Abrantes, Manuel Jorge Valamatos. Um erro nas plataformas colocou o prazo de um dia para apresentação das propostas em vez dos 90 dias. Foi uma “questão técnica, de gestão das plataformas”, que indicava um prazo que não correspondia à realidade.

O município entendeu, em conjunto com a Ordem dos Arquitetos, entidade parceira neste procedimento, que “era preferível anular o concurso e, simultaneamente, lançar um novo procedimento para normalizar a situação.”

Manuel Jorge Valamatos destacou a dimensão deste grupo de projetos quer no valor dos projetos, quase 400 mil euros, quer depois no lançamento de empreitadas para a sua concretização.

“Estamos a falar de um grande investimento, envolvendo várias ciclovias e uma ponte pedonal e ciclável sobre o Tejo. É uma obra de grande envergadura, que terá de ser realizada por fases, procurando janelas de oportunidade e apoios de financiamento disponíveis”, referiu, tendo ainda esclarecido que é um investimento que só avançará com recurso a fundos financeiros da União Europeia.

Já a Secção Regional de Lisboa e Vale do Tejo da Ordem dos Arquitetos (OA-SRLVT) lamentou a

## // ITINERÁRIO 1

• **LOTE 1 - Percurso 1 (P1) - Preço base 8 mil euros**  
CASTELO - OUTEIRO DE SÃO PEDRO

– EN2, com uma extensão total de 2.080 m, desenvolve-se em dois troços. Um que contorna o Castelo de Abrantes com 1.280 m e outro que se desenvolve ao longo da Calçada de São Caetano, entre o Outeiro de São Pedro e a EN2, com uma extensão de 832 m;

• **LOTE 2 - Percurso 2 (P2) - 20 mil euros**  
CASTELO DE ABRANTES – RUA DA BARCA

– Aquapolis Margem Norte, com uma extensão de 1.142 m, estabelece a ligação entre o Castelo e o Aquapolis Norte, com transposição da Avenida Doutor Francisco Sá Carneiro, de forma segura, através de ponte ciclável e pedonal que promova a ligação entre os dois troços da Rua da Barca;

• **LOTE 5 - Percurso 5 (P5) - 8 mil euros**  
ROTUNDA DO OLIVAL – PARQUE URBANO DE SÃO LOURENÇO

– Tem uma extensão de 2.368 m, entre a Rotunda do Olival e o Parque Urbano de São Lourenço. Desenvolve-se ao longo da linha de água, no

espaço verde adjacente à Quinta dos Pinheiros até intercetar a Rua de Vale de Rãs, continuando ao longo do vale, na área afeta à Quinta da Arca D’Água, até à Rua do Seixo, a partir da qual segue pela Rua da Samarra e Rua de São Jerónimo até ao Parque Urbano de São Lourenço.

## // ITINERÁRIO 2

• **LOTE 3 - Percurso 3 (P3) - 240 mil euros**  
PONTE SOBRE O RIO TEJO

– Com uma extensão de 365 m, pretende criar uma ligação em ponte pedonal e ciclável entre as duas margens do Rio Tejo, de forma acessível, segura e aprazível;

• **LOTE 4 - Percurso 4 (P4) - 112 mil euros**  
AQUAPOLIS MARGEM NORTE – EN2 – TAGUSVALLEY

– Com uma extensão de 3.439 m, pretende estabelecer a ligação entre o Aquapolis Margem Norte e o TagusValley, através da Avenida do Aquapolis, EN2 (Avenida da Portagem e Avenida D. Manuel I), Rotunda do Olival, EN244-3 (Avenida António Farinha Pereira), Rua da Fonte de São José, Bairro do Ultramar, Avenida dos Plátanos, Rua de Goa, Rua Vasco da Gama e Rua José Dias Simão.

anulação, explicando que esta resultou de “razões de ordem técnica alheias” à Ordem e ao Município de Abrantes.

Segundo a OA-SRLVT, numa nota publicada no seu sítio da internet, a suspensão teve como base “erros técnicos associados à articulação entre a plataforma eletrónica Acingov e o INCM [Instituto Nacional Casa da Moeda]”, entidade que gere o Diário da República Eletrónico.

A situação foi considerada “lesiva do interesse público e dos princípios” da contratação de serviços de arquitetura.

A Ordem solicitou ao município o lançamento imediato de um novo procedimento “nos mesmos termos e condições do anterior”, garantindo princípios de boa-fé, confiança e transparência, e pediu ao IMPIC – entidade que licencia e fiscaliza plataformas eletrónicas de contratação pública – uma reunião urgente para esclarecimentos.

O concurso agora relançado destina-se à elaboração do projeto da “Rede de Percursos, Pontes e Ciclovias”, que visa reforçar a mobilidade sustentável, a qualidade de vida urbana e a ligação da população ao rio Tejo.

Recorde-se que este projeto foi aprovado pelo executivo municipal em setembro de 2025.

Manuel Jorge Valamatos explicou aos jornalistas, após a reunião do executivo municipal, que a iniciativa pretende criar “uma rede de corredores verdes pedonais e

cicláveis”, que mitigue impactos ambientais e incentive práticas de desporto, lazer e mobilidade sustentável no quotidiano.

“O objetivo é incentivar o uso diário da bicicleta e a circulação pedonal, reduzindo a dependência do automóvel e os impactos ambientais associados”, afirmou o presidente da Câmara aquando da aprovação do concurso, sublinhando que o projeto integra a estratégia de promoção da sustentabilidade urbana.

A intervenção prevê dois itinerários que integram cinco percursos e uma ponte pedonal e ciclável sobre o Tejo, ligando Barreiras do Tejo ao Rossio ao Sul do Tejo. Estes percursos têm uma extensão total de 9.410 metros, promovendo a acessibilidade a equipamentos desportivos, culturais, educativos e de lazer.

O concurso internacional prevê a seleção de dois trabalhos de conceção, um por itinerário, ao nível de Programa Base, com o apoio da Ordem dos Arquitetos – Secção Regional de Lisboa e Vale do Tejo, e prémios no valor global de 46 mil euros, distribuídos pelos três primeiros classificados de cada itinerário.

Após a conclusão do concurso, a autarquia pretende avançar para a aquisição, por ajuste direto, dos dois projetos selecionados, tendo definido como preço base para a elaboração o valor de 388 mil euros.

/ Jerónimo Belo Jorge



/ Passadiços pela encosta do Castelo podem ser uma possibilidade



/ Projeto integra ponte para ligar margens do Aquapolis

## Medicina de Urgência e Emergência é a nova especialidade no SNS

// A ULS Médio Tejo foi a unidade hospitalar escolhida para o arranque do Internato Médico em Medicina de Urgência e Emergência. Uma nova especialidade que tem agora os seus primeiros 29 médicos internos, num processo que durou duas décadas para, finalmente, se tornar uma realidade.

A Cerimónia Oficial de Início do Internato Médico em Medicina de Urgência e Emergência, teve lugar no dia 29 de janeiro, no Auditório do Hospital de Torres Novas e contou com a presença do bastonário da Ordem dos Médicos, instituição, obviamente, envolvida no processo.

Carlos Cortes falou da realidade das urgências em Portugal, da reforma profunda que tem que sofrer e da importância que a nova especialidade terá. “Esta especialidade não vai resolver todos os problemas do Serviço de Urgência do Serviço Nacional de Saúde, mas é essen-



cial para dar resposta qualificada e complementar às outras áreas, diminuindo a sobrecarga dos profissionais e melhorando a segurança clínica”. Para Carlos Cortes, a criação da especialidade é “uma aposta da classe médica e da Ordem dos Médicos desde há muitos anos, que sinaliza um caminho mais positivo para a resposta do SNS às situações verdadeiramente urgentes e emergentes”.

No entanto, o bastonário garantiu que os médicos especialistas em Medicina de Urgência e Emergência

/ Internato Médico em Medicina de Urgência e Emergência arrancou no Médio Tejo

não vão substituir os outros clínicos, serão sim um complemento desta área de atendimento hospitalar.

A ministra Ana Paula Martins não pôde estar presente na cerimónia por estar ausente do país, mas participou através de um vídeo onde deixou uma mensagem de reconhecimento e incentivo aos novos internos. Ana Paula Martins descreveu o arranque do internato como “um

momento histórico para a medicina portuguesa, após cerca de 20 anos de debate, consolidando uma área clínica fundamental”. Falou dos 20 anos que demorou o processo para a criação desta nova especialidade, o que vai exigir de cada um e do futuro do Serviço Nacional de Saúde.

A governante sublinhou a importância da especialidade na formação estruturada de competências, protocolos baseados em evidência e redução da variabilidade clínica, contribuindo para “maior segurança e melhores resultados para os doentes”.

Segundo a ministra, a especialidade permitirá também atrair e reter profissionais, reduzir desgaste e rotatividade, e apoiar o trabalho multidisciplinar nas urgências.

Ana Paula Martins destacou ainda o elevado preenchimento das vagas do internato, com 29 médicos selecionados em 32 vagas, refletindo entusiasmo e compromisso dos jovens médicos.

Casimiro Ramos, presidente do Conselho de Administração da ULS Médio Tejo, lamentou o facto de nenhum dos 29 internos ter escolhido a ULS Médio Tejo para a especialidade, mas reconheceu que o facto da cerimónia ter ocorrido em Torres Novas, demonstra o reconhecimento para com os profissionais da região. “Para os nossos funcionários e para os nossos dirigentes

da urgência, este é um reconhecimento. Não se pode dizer que seja um prémio, não trabalhamos para prémios, eles não trabalham para prémios, nem pensam nisso, mas é um reconhecimento daquilo que tem sido o desempenho que têm demonstrado ao longo de anos, de forma exemplar”. O gestor lembrou também da importância desta nova especialidade em Urgência e Emergência.

Este evento assinala um marco para o Serviço Nacional de Saúde: o arranque da formação dos primeiros 29 médicos internos da nova especialidade de Medicina de Urgência e Emergência, oficialmente criada no final de 2024. Trata-se da primeira geração de médicos a iniciar um percurso formativo estruturado numa área considerada central para a resposta à doença aguda e crítica em Portugal. O internato tem duração de cinco anos e abrange estágios hospitalares e pré-hospitalares, incluindo treino em Viatura Médica de Emergência e Reanimação (VMER), Centros de Orientação de Doentes Urgentes (CODU) e transporte aéreo.

Marca ainda o início de uma nova etapa na organização dos serviços de urgência em Portugal, com impacto esperado na qualidade dos cuidados, na valorização da carreira médica e na sustentabilidade do SNS.

/ Patrícia Seixas

# É PROPRIETÁRIO DE TERRENOS NAS FREGUESIAS DE ALCARAVELA OU SANTIAGO DE MONTALEGRE?

## ESTE ASSUNTO É DO SEU INTERESSE!



Freguesias de Alcaravela e Santiago de Montalegre (5.377 hectares)

REORDENAMENTO DA PAISAGEM ABORDAGEM INTEGRADA E DIVERSIFICAÇÃO DE USOS PROMOVER UMA ECONOMIA DE ESCALA



SARDOAL MUNICÍPIO

# Deslocalização de farmácia leva Junta a manifestar-se em defesa da sua permanência na freguesia

// A possível transferência da farmácia de Rio de Moinhos para Alferrarede levou a que a Junta de Freguesia de Rio de Moinhos aprovasse e enviasse uma Moção em defesa da permanência da farmácia na freguesia.

Célia Lopes, presidente da Junta, falou ao Jornal de Abrantes sobre a Moção e as preocupações que afetam os habitantes de Rio de Moinhos e aldeias limítrofes.

Explicou que, “logo que tomámos posse, começámos a ouvir falar neste tema da eventual deslocalização da farmácia de Rio de Moinhos”. O Executivo da Junta, “de imediato, reunimos com a doutora, a proprietária da farmácia, que nos deu nota de todas as dificuldades que realmente apresenta por se encontrar localizada numa zona com poucos habitantes e, atendendo às fragilidades financeiras, estava a ponderar essa deslocalização”.

Quanto à Moção, a autarca esclareceu que “tem como princípio manifestar uma posição de defesa da permanência da farmácia em Rio de Moinhos, uma vez que os nossos fregueses são pessoas já com alguma idade, também com dificuldades de mobilidade e, portanto, era essencial a permanência da farmácia, até porque já está ali há muitos anos e tem sido um serviço que tem tido um papel essencial para com a população da nossa freguesia”.

Da conversa com a proprietária da farmácia, Célia Lopes confirmou que houve alguma abertura para que a decisão não seja irreversível mas lembrou que “estamos a falar de uma atividade financeira, estamos a falar de uma empresa e, de facto, também não podemos ter aqui uma atitude individualista relativamente àquilo que a empresa está a tentar fazer, não é? Pronto, quando existe alguma fragilidade há que tentar encontrar soluções”.

E foi aqui que a presidente da Junta de Freguesia de Rio de Moinhos deixou um apelo à sua população. Célia Lopes alertou para a importância de que “as pessoas façam as suas compras, comprem os seus medicamentos na farmácia, comprem os seus produtos no comércio local, porque muitas vezes só quando se perdem as coisas é que as pessoas dizem, que, se calhar, também podia ter ido ali buscar os meus medicamentos e se calhar acabei por comprá-los no outro lado. Portanto, aproveitar para dizer às pessoas que realmente é importante valorizar aquilo que temos perto de casa, nomeadamente em termos comerciais.



Também passa um pouco pela sensibilização da população”.

Quanto à deslocalização da farmácia, “a doutora, desde o primeiro momento, deu-nos nota que, de facto, se isso viesse a acontecer, seria uma situação que lhe iria custar muito. No entanto, não existe neste momento nenhum prazo para que realmente essa situação possa acontecer. Não será algo a curto prazo, até porque as farmácias estão sempre dependentes de uma autorização prévia do Infarmed. Ainda para mais, no local para onde se queria deslocalizar também existe ali uma fragilidade com uma outra farmácia que também queria instalar-se. Portanto, neste momento não existe qualquer tipo de prazo para a farmácia de Rio de Moinhos sair. Se isso vier a acontecer, a doutora deixa a porta aberta para assegurar um posto de medicamentos em Rio de Moinhos. Será

/ A ocorrer, a deslocalização da farmácia de Rio de Moinhos não será a curto prazo

algo que depois, em conjunto, e se vier a acontecer, iremos analisar”.

A Moção da Assembleia de Freguesia já foi enviada para a Assembleia Municipal de Abrantes, Direção do Infarmed e Ministério da Saúde. Pretende a Junta, com a Moção, “dizer aos nossos fregueses que estamos do lado deles, que estamos a acompanhar a situação e que tudo faremos para que a farmácia de Rio de Moinhos possa permanecer o máximo tempo possível ali, para servir a população. E que queremos estar também sempre em contacto com a farmácia para tentar, de alguma forma, encontrar as melhores soluções para que as pessoas não fiquem desprotegidas deste serviço”.

## **Câmara pronuncia-se apenas em termos urbanísticos mas também manifesta preocupação**

À margem da reunião de Câmara de Abrantes de dia 6 de janeiro, o presidente da Câmara Manuel Jorge Valamatos comentou o caso ao Jornal de Abrantes e reiterou que a decisão é do Infarmed - Autoridade Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde, mas também manifestou preocupação pela desproteção da população.

“A Câmara tem, ao longo dos últimos anos, mantido sempre a mesma postura. Fazemos a nossa análise do ponto de vista urbanístico e deixamos ao Infarmed a decisão da deslocalização da farmácia,

que é quem tem essa competência e tem mecanismos de análise da importância da farmácia”, disse o autarca.

Contudo, Manuel Jorge Valamatos adiantou que, “mesmo que só nos manifestemos do ponto de vista urbanístico, sempre achámos - e desde o início temos manifestado essa preocupação - que perdemos ali um serviço importante para a nossa população de Rio de Moinhos e um bocadinho da zona norte do nosso concelho. Manifestámos sempre preocupações desse ponto de vista, mas deixámos a decisão para o Infarmed, porque é quem analisa do ponto de vista técnico essa deslocação”.

Relativamente à Moção aprovada pela Junta de Freguesia, o presidente da Câmara considera que é “uma preocupação perfeitamente legítima por parte da Assembleia de Freguesia que, no fundo, vem reforçar aquelas que também são as nossas preocupações na proteção das nossas populações. Portanto, o Infarmed terá conhecimento, obviamente, desse processo e tomará também as devidas decisões, embora, como digo, nós nos tivéssemos manifestado urbanisticamente, mas manifestámos também sempre esta preocupação de proteção das pessoas e o garantir do acesso ao medicamento de forma fácil por parte dos operadores”.

O presidente da Câmara de Abrantes também lembrou que “há aqui uma questão económica, de sustentabilidade e rentabilidade das farmácias”. Por outro lado, “também temos que olhar para os cidadãos, para as pessoas, e aí o Infarmed terá que tomar a sua posição”.

## **Daniel Pereira, proprietário da farmácia, apresentou as suas razões à Câmara**

Na reunião de Câmara de dia 20 de janeiro, no período da intervenção do público, falou Daniel Pereira, “proprietária do Alvará da Farmácia de Rio de Moinhos e, igualmente, como proprietário do imóvel na Avenida António Farinha Pereira”.

O farmacêutico contou que “a farmácia iniciou atividade, sob a nossa gestão, a 1 de abril de 2020, em pleno contexto da pandemia de Covid-19, com o país encerrado e a farmácia a funcionar literalmente

portas fechadas. As dificuldades iniciais marcaram este projeto desde o começo. Desde então, a realidade de Rio de Moinhos alterou-se significativamente, em especial no que respeita aos cuidados de saúde. Com a quase inoperacionalidade da extensão de saúde local, a população passou a ser encaminhada para a USF de Abrantes, para o Centro de Saúde de Alferrarede e, previsivelmente, para a nova Unidade de Saúde em construção”.

Às dificuldades nomeadas, acresce ainda o facto “do edifício onde atualmente funciona a farmácia, não reúne condições adequadas à acessibilidade nem de segurança, que, apesar da existência de uma rampa amovível à entrada, não é possível, por exemplo, administrar injetáveis a utentes de cadeiras de rodas, dado que estes não conseguem aceder ao gabinete de atendimento. Existe ainda um problema sério de segurança, uma vez que a porta da farmácia abre diretamente para a via pública. Importa referir que a estrutura do edifício não cumpre a legislação atualmente em vigor, pelo que se a farmácia tivesse que abrir hoje, não poderia fazê-lo naquele local”.

Os proprietários procuraram um lugar dentro da freguesia de Rio de Moinhos para deslocalizar a farmácia mas, segundo Daniel Pereira, “a inexistência de imóveis adequados e, sobretudo, a inviabilidade financeira de aquisição e adaptação do novo espaço, mantendo a atual faturação, tornaram esta hipótese impraticável”.

“Após reflexão e análise”, explicou Daniel Pereira, “identificámos um local que considerámos reunir as condições para concretizar este projeto, o edifício da antiga escola União Fabril, que se encontrava em elevado de estado de degradação, com o propósito de o reabilitar, devolver-lhe a dignidade e colocá-lo novamente ao serviço da comunidade abrantina. Trata-se reconhecidamente de uma obra particular (...) mas cujo objetivo é claro: criar uma farmácia moderna, acessível, com estacionamento e condições para garantir o acesso universal ao medicamento e aos serviços farmacêuticos”. O farmacêutico deixou ainda a garantia, “de forma inequívoca, que a população de Rio de Moinhos não será desprotegida”.

/ Patrícia Seixas

## CH abstém-se na atribuição de apoios sociais e é convidado a acompanhar entrega de cabazes para “conhecer a realidade”

// Na reunião do Executivo de Vila Nova da Barquinha de dia 14 de janeiro, foi aprovado por maioria a atribuição de apoio à Loja Social do Município. Os vereadores do CHEGA optaram pela abstenção.

Para aprovação, constava da Ordem do Dia da reunião de Câmara de Vila Nova da Barquinha, a atribuição de apoio à Loja Social. O presidente Manuel Mourato informou que “a Loja Social, em 2025, apoiou 29 famílias, com entrega de cabazes de alimentação, medicação, água, luz, etc. No ano de 2026 estão inscritas 28 famílias, menos uma, mas também temos que ter em consideração a atualização, que mais não seja da inflação, e aquilo que se propõe aqui é a atribuição de um apoio no montante igual ao do ano anterior. Será, portanto, o montante de nove mil euros para o ano de 2026, a ser paga em 10 tranches mensais, de acordo com a rubrica e o cabimento orçamental”.

Na votação, os dois vereadores do CHEGA abstiveram-se. Tatiana Horta, em declaração de voto, começou por dizer que “é um tópico sensível e eu reconheço que, conscientemente, por vezes, posso parecer um pouco intransigente ou injusta nesta temática e reconheço isso”. Acrescentou que “muitas das vezes, a informação que nos chega para a nossa análise, e isto é algo de opinião e não de facto, reconheço isso também, mas muitas das vezes não chega. Não querendo bloquear, mas também não considerando que temos informação suficiente para aprovar, neste caso, propostas do âmbito de apoio social, daí a nossa abstenção”.

A vereadora eleita pelo CHEGA justificou depois a decisão da abstenção, afirmando que “como é de conhecimento, e não estou a dizer que será o caso em Vila Nova da Barquinha, mas em termos nacionais, nos quais nós nos enquadrámos, existe uma porta para abusos e para situações que conhecemos, e volto a referir, não estou a dizer que seja o caso de Vila Nova da Barquinha. Mas para contrariar esta situação, necessitamos de informação mais detalhada neste caso, designadamente quanto à finalidade concreta do montante solicitado, ou seja, as tipologias da despesa a financiar, os critérios de utilização e os mecanismos de acompanhamento. Não consegui detetar estes elementos e, portanto, não querendo bloquear, mas não podendo aprovar por sentido de prudência, é essa a nossa justificação para a abstenção neste ponto”.

### “Nem toda a gente é subsídio-dependente como as vossas políticas pretendem”

Paula Gomes da Silva, vereadora eleita pelo PSD mas que integra o Executivo com pelouros atribuídos, tem sob a sua responsabilidade a Ação Social. Pediu para intervir e, visivelmente incomodada com a declaração de Tatiana Horta começou por dizer que “nem sei como é que hei-de começar. Nem toda a gente é subsídio-dependente como as vossas políticas pretendem, de que toda a gente que esteja nos subsídios seja subsídio-dependente. Há muita gente que sim, efetivamente”. Contudo, declarou que “não acredito que 28 famílias possam estar incluídas nessa subsídio-dependência”. E deixou depois um convite aos vereadores do CHEGA: “para lhe dar informação concreta e exata daquilo que se está a passar, eu vou lhe fazer um convite para o dia da entrega dos cabazes, se o senhor presidente me permitir, que vá comigo e que veja efetivamente as famílias que estão a receber este apoio. E este apoio não são televisões, não são telemóveis, nem jogos, nem videogames. É arroz, é leite, são produtos para as crianças... e, por isso, quando me vem dizer e levante esta questão com situações que no nosso município,

infelizmente, não há muitas, mas existem, comparativamente com os municípios aqui ao nosso lado, eu fico um bocadinho chocada. O melhor é ir comigo, e vai comigo à loja, eu convido-a e vamos fazer as duas a entrega dos cabazes. Depois, na próxima reunião me dirá se estas 28 famílias são ou não subsídio-dependentes. Alerto que temos que ir a Vila Nova da Barquinha, temos que ir à Atalaia, temos que ir à Praia do Ribatejo e vamos a Tancos. E aí vamos perceber quem é que são as famílias que nós estamos a dar apoio, porque a subsídio-dependência também não é um critério justo para nós e nós somos também os primeiros a analisar todos os processos e a lutar contra isso. Agora, as situações complicadas existem e por isso é que nós estamos a tentar dar uma ajuda. Se me pergunta se é suficiente, não, não é, mas é uma ajuda, e por isso está convidada. Da próxima vez, vai comigo, se o senhor presidente me permitir”.

Manuel Mourato autorizou o acompanhamento por parte da vereadora do CHEGA e disse que “esta não só é a posição da senhora vereadora, é a posição do Executivo e deste presidente da Câmara enquanto eu aqui estiver. Concordo em absoluto com as palavras da senhora vereadora”. O autarca subli-

**Em 2025, a Loja Social apoiou 29 famílias. No ano de 2026, estão inscritas 28 famílias**

nhou que o que está em causa “não é incentivar a subsídio-dependência, mas sim o apoio efetivo, real e controlado, porque ele é controlado a um nível diário e muito rigoroso”.

### As questões sociais “não podem ser só frases bonitas e partidárias para mover ódios”

Também Marina Honório, vereadora do PS mas que já foi anteriormente responsável pela Ação Social do Município pediu para intervir. Disse que é necessário conhecer a realidade do terreno e afirmou que as situações são bem avaliadas pelos técnicos, não sendo, portanto, uma questão partidária.

E garantiu também que “não

estamos a falar de subsídio-dependentes, estamos a falar, na maioria dos casos, ou de situações muito precárias de idosos com pensões muito baixas, com pensões de sobrevivência, com situações muito graves e estamos a falar de famílias que trabalham. Não estamos a falar de pessoas que não querem construir um futuro melhor. Não, estas pessoas tentam todos os dias ter um futuro melhor, ter um crescimento como todos nós, só que não conseguem”.

Marina Honório acrescentou ainda que “não podemos simplesmente rasgar o contrato social que temos com os munícipes de Vila Nova da Barquinha e não podemos, acima de tudo, olhar para o lado e não querer saber se há crianças que comem na escola mas ao jantar já não têm comida em cima da mesa. Estas questões sociais não podem ser só frases bonitas e partidárias para mover ódios e mover massas, tem de se olhar para a realidade”.

Tatiana Horta agradeceu o convite “e aceito, e talvez mude realmente a minha visão sobre as coisas” e, acrescentou, “não sou insensível às necessidades das pessoas”. Contudo, reafirmou precisar de mais informação “para poder decidir em consciência, é isso que eu estou a pedir. Foi apresentada aqui uma proposta em que realmente menciona que existem despesas no sentido da alimentação, despesas no sentido de medicação, despesas de várias temáticas..., para o básico e o essencial, tudo bem, mas eu preciso de um pouco mais, é isso que eu quero pedir em termos de informação”.

No final, o presidente da Câmara, Manuel Mourato, lembrou o dever de sigilo pois estão a tratar de pessoas e essa é uma das razões pelo que a informação dada aos vereadores não pode ser mais completa, ou seja, “a vereadora Paula Silva não poderia trazer aqui os casos sociais explanados com números”. No entanto, lembrou à vereadora do CHEGA que “convidada a acompanhar, poderá inclusivamente estar presente e conhecer as pessoas, com o dever de sigilo que lhe compete”.

Foi então aprovado por maioria a atribuição de apoio à Loja Social do Município de Vila Nova da Barquinha.



/ Loja Social vai apoiar 28 famílias em 2026

/ Patrícia Seixas

## Depois das AIGP Município avança dez Condomínios de Aldeia

// O município de Mação vai avançar com a implementação do projeto “Condomínios de Aldeia” em dez localidades do concelho, uma iniciativa financiada pelo Fundo Ambiental, no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), dirigida às aldeias situadas em territórios de floresta.

O programa tem como principal objetivo reforçar a proteção e a resiliência das aldeias situadas em áreas florestais vulneráveis, através da gestão do território envolvente às zonas edificadas. As intervenções previstas passam pela reconversão de áreas florestais em áreas agrícolas e agrossilvopastoris, integradas nas faixas de gestão de combustível (FGC), contribuindo para a redução do risco de incêndio rural.

O presidente da Câmara de Mação, José Fernando Martins, explicou o processo. “Quando cheguei ao município deparei-me com essa situação já a existir, mas que estavam parados e até já havia quem tivesse a opinião de não se avançar porque os prazos começavam a estreitar. No entanto, com prazos a terminar no final de junho, temos cerca de seis meses, considero que é tempo suficiente para se fazer alguma coisa portanto, não se fazer nada seria bem pior.”

O autarca explica que reuniu com os técnicos, Gabinete Florestal, Proteção Civil e agendou reuniões com as populações nas diversas aldeias que estão abrangidas. Os condomínios estão localizados, um, na União de Freguesias, duas na freguesia de Envendos, quatro na freguesia de Cardigos e três na freguesia de Carvoeiro. “Aquilo que fizemos nos últimos dias do ano, até aproveitando que muita gente estaria cá, porque aquilo são aldeias já com pouca gente a residir, mas em que as famílias nesta altura ainda vêm portanto, mais proprietários de terrenos, e marcámos, agendámos essas reuniões para essas aldeias e efetivamente tivemos muita participação, pessoas de fora que tiveram conhecimento e que até tiveram a preocupação de estar naquele dia para a reunião.”

A candidatura apresentada pelo município de Mação abrange dez aldeias do concelho: Serra Arganil, Moita Ricome, Freixoeiro, Freixoeirinho, Galega, Feiteira, Roqueira, Vale de Grou e Venda Nova.

Todas estas aldeias são pequenas, com poucos habitantes, portanto mais vulneráveis. José Fernando Martins notou que “o fogo não avisa quando vem nem de onde é que vem portanto, se chegar à aldeia e se tiver só duas ou três pessoas mais perigoso se torna.” E acrescenta que a “grande aposta com estes Condomínios de Aldeia é, essencialmente, apostar muito na prevenção.”

A pesar de tudo, se serem aldeias

pequenas e com poucos habitantes, algumas aldeias ainda têm alguma agricultura no seu interior e em redor. E a ideia passa por “pegar nisso e transformar o resto que é floresta também em terrenos agrícolas.”

Há a intenção de plantar árvores mais resilientes, como o sobreiro, como o medronheiro, castanheiro ou oliveiras, para poder termos zonas agrícolas em redor das aldeias, que torna mias fácil fazer as manutenções e, a partir daí, garantir alguma defesa à aldeia.

São nove AIGP aprovadas e em concretização e que vão modificar a paisagem nas suas áreas de intervenção. José Fernando Martins garante que tem o objetivo de salvaguardar todo o território do concelho. Neste momento estão dez Condomínios de Aldeia neste pacote, “iremos avaliar aquilo que é possível porque nós temos que salvaguardar todas as nossas aldeias, todo o nosso território é para salvaguardar, mas essencialmente as aldeias.”

Se as AIGP têm uma dimensão maior e com mais financiamento,

**“Iremos olhar para outras aldeias maiores e ver como é que podemos fazer a intervenção”**

/ Todas as aldeias tiveram reuniões para saber o que são os Condomínios de Aldeia

no global são mais de 40 Milhões de Euros, estes Condomínios de Aldeia representam um investimento na ordem dos 380 mil euros. “Não é um investimento muito avultado, mas com uma média de 40 a 50 mil euros por cada aldeia dá perfeitamente para realizar grandes trabalhos”, garante o presidente da Câmara que vê nestes projetos outra vantagem: “não sendo trabalhos de muito porte, permite aqui de alguma forma dinamizar a economia local, dinamizar os empresários que trabalham nesta área das limpezas, para também eles poderem aqui ser uma mais-valia na realização dos trabalhos e também terem a mais-valia daqui da economia que circula.”

José Fernando Martins revela que este é o primeiro pacote que agora há que trabalhar antes do verão para os trabalhos prontos ficarem prontos. “Depois iremos olhar atentamente para o terreno, iremos olhar para outras situações, se calhar para outras aldeias maiores, porque estas são pequenas aldeias, com exceção da Serra. Iremos olhar para outras aldeias maiores e ver como é que podemos fazer a intervenção, tendo sempre o mesmo objetivo, é defender as pessoas e os bens, defender as casas, as habitações, porque esses são o maior tesouro que nós temos no concelho e portanto é por aí que temos que avançar para proteger.”

No sentido de esclarecer a população sobre os objetivos e o alcance do projeto, o executivo municipal, em conjunto com o Gabinete Florestal, promoveu reuniões com os habitantes das aldeias abrangidas, realizadas no final do ano.

/ Jerónimo Belo Jorge



## EDP junta fonte solar à hídrica e aumenta capacidade de produção de eletricidade na Pracana

// A EDP deu conta do novo complexo de produção de energia solar ao centro de Produção da Barragem da Pracana com produção 89 MW.

A elétrica explica que este centro de produção híbrido poderá gerar eletricidade suficiente para abastecer cerca de 51.800 famílias. Ainda segundo a empresa, o projeto tira “partido da hibridização, para maximizar a utilização da rede de distribuição e dos recursos renováveis.

Segundo a informação de dia 12 de janeiro, a EDP já tem em operação este projeto híbrido de produção de eletricidade “hídrica e solar terrestre (onshore)”, explicando que é “o primeiro do grupo a nível mundial e também de Portugal com esta combinação de tecnologias renováveis.” Depois, na mesma informação acrescenta que o complexo de Pracana, instalado no centro de Portugal, somará 89 MW de potência, o que representa “mais um avanço importante para o setor energético e reforçando o compromisso da empresa com a transição energética.”

O parque híbrido está situado nos concelhos de Mação e Proença-a-Nova nos distritos de Santarém e Castelo Branco, respetivamente. A produção resultante deste parque permitirá evitar “a emissão de cerca de 35 mil toneladas de CO<sup>2</sup> por ano.” Ainda segundo a explicação da elétrica, associa uma central solar fotovoltaica, “com 90 mil painéis fotovoltaicos, e uma potência de 48 MW, à infraestrutura hidroelétrica existente na barragem da Pracana, no rio Ocreza, inaugurada em 1951 e com uma potência de 41 MW. Esta infraestrutura histórica alia o seu legado à inovação mul-

titecnologia, área em que a EDP tem sido pioneira.”

Pedro Vasconcelos, Executive Board Member EDP e CEO EDP Iberia, a “Pracana é mais um marco na nossa estratégia: ao combinar hídrica e solar terrestre, reforçamos a estabilidade do sistema, aceleramos a transição energética e reduzimos o impacto no território. É o primeiro projeto da EDP nesta modalidade a nível global e prova que inovação e eficiência podem caminhar lado a lado”, afirma Pedro Vasconcelos, administrador executivo da EDP e responsável pelo negócio do grupo na Península Ibérica.

A aposta do grupo na hibridização permite aumentar a produção de energia renovável através das infraestruturas já existentes, nomeadamente as redes de distribuição, “reduzindo custos operacionais e minimizando o impacto ambiental, ao mesmo tempo que reforça a capacidade de geração, num contexto de demora dos processos de licenciamento.”

A nova central solar começou a ser construída em janeiro de 2025 e a produção anual de energia solar estimada é de 87 GWh. O projeto distingue-se também pelos elevados padrões de segurança e responsabilidade social: foram registadas mais de 30 mil horas de trabalho sem acidentes, com um pico de 150 trabalhadores envolvidos durante a fase de construção.

Pracana é o sexto projeto híbrido da EDP em Portugal, o 11.º na Península Ibérica.

# Governo quer simplificar administração. Paulo César Luís queixa-se de burocracia que é parede ao desenvolvimento

// O ministro-Adjunto e da Reforma do Estado deslocou-se oficialmente a Vila de Rei, a 17 de janeiro, e começou por visitar a Loja do Cidadão, antes de subir ao Salão Nobre dos Paços do Concelho.

E foi em pleno espaço da Loja do Cidadão que ouviu as primeiras “queixas” do presidente da Câmara. Paulo César Luís tinha vários assuntos a “mostrar” ao governante que diz ser a pessoa certa no lugar certo, para alterar, verdadeiramente, o espaço entre o cidadão e o espaço.

E o ministro deixou, no discurso, essa ideia que que é preciso simplificar processos e depois digitalizar.

Mas o presidente da Câmara de Vila de Rei não se fez rogado, depois de elogiar o ministro apontou três grandes problemas que estão a bloquear o desenvolvimento do seu concelho.

“Temos consciência que tem entre mãos a necessidade de tornar o processo de constituição e de revisão dos Planos Diretores Municipais (PDM) de uma forma muito mais célebre”, disse o autarca para, de seguida, apresentar o problema de Vila de Rei.

“Quando entrei na Câmara, há 20 anos, já o processo de revisão do PDM de Vila do Rei estava em curso há cinco anos. Ou seja, hoje o nosso PDM está em revisão há 25 anos. Transpondo isto para a vida de alguém, nasceu, cresceu, formou-se, casou, tem filhos. É a minha vida. Em 25 anos. E o PDM não está em vigor.”

Paulo César Luís deixou claro um dos bloqueios a esta revisão: “Após sete pronúncias da APA sobre a REN (Rede Ecológica Nacional) Bruta de Vila de Rei e, tendo em conta as sucessivas alterações normativas e orientações técnicas, a carta de REN Bruta de Vila de Rei nunca mereceu parecer favorável da APA e de todas as componentes que integram a REN Bruta.

E todos vós devem compreender que é extremamente difícil pensar um conselho, trabalhar com um conselho, projetar um conselho, sem ter uma carta orientadora e termos que andar com planos laterais que muitas das vezes já nada têm que ver com aquilo que é a visão inicial de um plano estratégico para o concelho.”

## O PDM de Vila de Rei está em revisão há 25 anos

Logo a seguir ao PDM o autarca introduziu no seu discurso outro tema, também de planeamento. “Há o plano, há o planinho, há o planão, há planos para tudo. Mas



planos que condicionam aquilo que são as estratégias de desenvolvimento dos concelhos. (...) A criação da barragem de Albufeira de Castelo de Bode constituiu, no caso de Vila do Rei, uma parede entre aquilo que eram as relações familiares, económicas, sociais, culturais, entre as gentes de Vila de Rei e as gentes de Ferreira do Zêzere, que só foi colmatada muitos anos depois com a criação de uma ponte. E com a albufeira de Castelo de Bode constituiu-se o Plano de Ordenamento com um conjunto de características que quem cá estava negociou, que quem cá estava trabalhou, e o que é certo é que ao longo dos tempos, sempre, sempre, sentimos que aquele plano não respondia às nossas necessidades.”

Paulo César explica que “aquilo que assistimos, hoje, é a substituição de um Plano de Ordenamento por um Programa Especial que sentimos que é pior do que aquilo que existia antes. Nunca transgredimos, nunca foi necessário, com este programa especial, pensarmos em medidas para repor a legalidade, por via normativa, como acontece noutros territórios. De facto temos a melhor paisagem do mundo, de facto as infraestruturas hoteleiras cresceram do outro lado e têm a melhor paisagem do mundo, que são os índios, que somos nós. Mas

o desenvolvimento está do outro lado.”

Acrescentou ainda que vão existir condicionamentos na classificação como solo urbano a quando da revisão do PDM. Ou seja, “é-nos dito que não há classificação e não há restrição mas contudo condicionam aquilo que é a realização do PDM a seguir ou seja, restrição na mesma. E ainda as áreas turísticas que hoje são possíveis e que com o novo programa especial deixaram de existir.”

O terceiro assunto foi muito simples e tem a ver com a falta de recursos humanos no serviço de Registos e Notariado. E como Vila de Rei o BUPi (Balcão Único do Prédio) para o cadastro dos prédios rústicos. Ou seja, o cidadão trata do registo, mas depois, em vários dias, teve o IRN de portas fechadas. (...) Na minha modesta opinião, julgo que seria facilmente colmatado com a vinda de um funcionário e de outra repartição para aqui. (...) Ouso pedir a ajuda do Sr. ministro para tornar a nossa governação também mais próxima e mais ajustada à realidade das necessidades da população.”

## Ministro quer simplificar a vida de pessoas e empresas

Gonçalo Matias corroborou a

/ Paulo César Luís apresentou as queixas ao ministro-adjunto, Gonçalo Matias, e ao “CTO” do Estado, Manuel Dias

ideia transmitida pelo presidente da Câmara de ter “um estilo pragmático ou até simplista.” E garantiu que esse é o caminho: “simplificar a vida dos nossos, não se diminua, pelo contrário, eleve-se nesse espírito porque é exatamente isso que eu acho que nós precisamos no nosso país. É de simplificar a vida dos cidadãos e das empresas.”

Gonçalo Matias explicou que dois princípios fundamentais em marcha são o princípio da confiança e o princípio da simplificação. O princípio da confiança passa por, no fundo, dizer que nós temos de confiar uns nos outros.

Gonçalo Matias explicou a estratégia que passa por simplificar e digitalizar. “E a digitalização pode trazer, incluindo a inteligência artificial, e quero chamar-vos bem a atenção para isso, incluindo a inteligência artificial pode trazer-

-nos enormes benefícios. Pense, Sr. Presidente, o que é quando tiver em funcionamento o projeto licença que nós estamos a desenvolver e puder ter aqui os seus munícipes ou investidores internacionais ou empresários nacionais que querem investir em Vila de Rei e que numa plataforma com inteligência artificial conseguem gerir todos os seus licenciamentos de construção, ambientais, industriais e que numa única plataforma tudo responde. Não é, Sr. Presidente, para lhe tirar competências, como é evidente.

Porque o sistema eletrónico vai gerir tudo isto e vai ligar à plataforma que a Câmara vai ter para o licenciamento urbanístico e vai ligar à plataforma que a APA tem para o licenciamento ambiental e vai ligar à plataforma que o IA-PMEI tem para o licenciamento industrial, mas no fim quem está? O cidadão. O empresário.”

O governante, em meia resposta às queixas do presidente da Câmara sobre a burocracia dos planos de ordenamento, referiu que “uma das razões pelas quais os cidadãos desesperam, os empresários desesperam, é este calvário burocrático que nós criamos, em que o Estado, as autarquias, nunca têm informação sobre as pessoas. Gonçalo Matias venceu que o Governo está a criar “um projeto muito seguro, firme, determinado de interoperabilidade.

O ministro-adjunto disse não ter vindo a Vila de Rei para ouvir o que é que funciona bem, “vim cá para ouvir os problemas porque são esses que nós queremos resolver.”

Aos jornalistas o ministro voltou a explicar que está em curso um projeto que vai alterar, para melhor, a ligação do cidadão com o Estado, a diversos níveis.

O ministro esteve acompanhado por Manuel Dias CTO (diretor de tecnologia) do Estado com quem o presidente da Câmara teve uma longa conversa.

Também aos jornalistas Paulo César Luís repetiu as queixas, porque é muito difícil um autarca que chega agora ao cargo e ter de lidar com um plano de ordenamento do território de 1995.

O governante anotou os “recados” do autarca. Os que não são da sua responsabilidade vai transmitir, garantiu, aos titulares das pastas respetivas.

/ Jerónimo Belo Jorge

# A Barragem essencial no sistema elétrico português



por Jerónimo Belo Jorge

A Central Hidroelétrica de Castelo de Bode começou a ser construída em 1946. Começou a encher em 1950 e a 21 de janeiro de 1951 houve uma grande festa com a presença do Marechal Carmona e de Oliveira Salazar e milhares de pessoas. Deslocaram ao sítio onde estamos, hoje, a gravar esta entrevista, 75 anos depois. E em 1951 vieram para inauguração da grande barragem, era assim que era chamada e designada nos jornais de 1951, a barragem do Castelo de Bode.

É uma barragem que faz a produção de energia elétrica, na altura da construção expropriaram 3.500 hectares de terrenos, mil prédios urbanos e 250 indústrias agrícolas.

A construção custou 600 mil contos (aproximadamente 2,99 milhões de euros).

Se a albufeira tem nos dias de hoje um enorme potencial turístico e económico, por outro lado, garante o abastecimento de água a quase um terço da população portuguesa, onde se inclui naturalmente a Grande Lisboa. E há ainda a própria barragem, com uma travessia entre as margens do rio, que é um ponto turístico. As pessoas continuam a passar pelo coroamento, pelo paredão, a tirar fotografias, a ver a Albufeira e depois a barragem e o Zêzere a jusante.

João Baltazar é o diretor de Operações e Manutenção de Ativos da EDP, concessionária da Barragem de Castelo de Bode, e recebeu o Jornal de Abrantes para esta entrevista.

**Falamos aqui, em primeiro lugar, uma Barragem que é um centro de produção de eletricidade?**

Relativamente à central, que é a parte que responde à produção de eletricidade, ela é composta por três grupos geradores, rigorosamente iguais.

**Há pouco referiu a inauguração, no ano de 1951, que foi quando ar-**

**Física de produção de energia elétrica mantém-se, mas houve um processo muito grande de modernização dos equipamentos.**



**rancou o primeiro destes três grupos, e um ano depois estávamos a finalizar o arranque do terceiro grupo. Cada um dos grupos tem uma capacidade de 53 megawatts, portanto, no total, esta central tem uma capacidade aproximada de 160 megawatts. Em termos de produtividade anual, naturalmente depende muito daquilo que é um ano seco ou húmido, é muito dependente da matéria-prima que é a água.**

Em termos médios, produz cerca de 300 gigawatts hora, e para as pessoas terem uma ideia do que é que isso corresponde, é mais ou menos o consumo de 230 mil habitantes.

**Hoje fala-se muito no solar, no eólico, parece que se esqueceu um bocadinho, as fontes hídricas. No entanto, continuam a ser a base de produção de energia elétrica de Portugal?**

Sim, tem uma base, no total, é cerca de 10% do consumo em Portugal, em termos médios, mais uma vez, é por via da produção hídrica. Quando se fala de outras tecnologias, temos que ver isto sempre de uma forma complementar, ou seja, essas tecnologias, quer a solar, quer a eólica, têm uma vantagem inequívoca, que é simultânea com a hídrica, que são energias renováveis. A energia hídrica tem uma vantagem competitiva, digamos assim, que é

uma energia despachável. Ou seja, é possível ligar e desligar a produção conforme aquilo que são as necessidades de abastecimento.

**Quem passa aqui na estrada não percebe se a central está sempre ou não a trabalhar. Há períodos de trabalho ou está a produzir em contínuo?**

Depende de muitos fatores. Qualquer centro produtor em Portugal e Espanha tem que ofertar aquilo que é a sua capacidade de produção no mercado ibérico de eletricidade.

Nesse mesmo mercado existem os produtores, que são vendedores, e existem compradores, que são os comercializadores de energia. E para cada período temporal existe um encontro entre oferta e procura, que vai determinar se uma central está a trabalhar ou está parada. Portanto, obviamente, em períodos de maior influência de água, é muito provável que a central esteja a trabalhar, ao invés, quando esse caudal não acontece, o funcionamento é muito mais pontual.

**Tivemos há três anos um verão muito seco mesmo. Há, nestes casos, limitações de produção por via das cotas estarem muito baixas?**

Exato, e são preocupações plenamente oportunas, e obviamente a EDP esteve lado a lado com essas decisões.

Efetivamente foi um ano muito desafiante. Foi necessário fazer aqui uma gestão muito difícil, entre aquilo que seriam as necessidades de reserva de água a montante, mas também existem necessidades a jusante. E para isso há um papel determinante da Agência Portuguesa de Ambiente, que fez aqui esta ponte, nesta gestão muito difícil. De facto foi muito bem conseguida, porque não só continuámos a garantir a reserva de água, como falou há pouco, importantíssima para o abastecimento da Lisboa, como também a necessidade de muito pontual de produção de energia elétrica, porque também havia déficit de produção hídrica nesse período. Bem como também aquilo que foram os lançamentos para a jusante, para garantir também alguma continuidade fluvial, nomeadamente em complemento ao rio Tejo.

**Ou seja, quem passa aqui, não conhecendo o funcionamento, não percebe que há aqui muito trabalho de planeamento e de gestão, que não é só ligar ou desligar o botão de produzir electricidade?**

Precisamente. E só esse processo de ligar e desligar tem complexidade associada, portanto é evidente que estamos aqui com um mural de 75 anos. A física de produção de energia elétrica mantém-se, mas houve um processo muito grande de modernização dos equipamentos. Apesar disso parecer simples, tem a sua complexidade. Mas todo o planeamento, toda esta lógica de primeiro um encontro nesse mercado ibérico de electricidade, por sua vez a própria REN, enquanto operadora da rede de transporte, também tem necessidades pontuais, pode mandar arrancar a central, depois há estas contingências da seca, a contingência também dos caudais elevados, portanto é tudo aqui um conjunto de fatores, que obviamente estão suportados num conjunto de regras. As regras de exploração dão uma linha de orientação, mas depois naturalmente com várias entidades, nomeadamente a Autoridade, a Agência Portuguesa de Ambiente, há ajustes a esses planos que estão estabelecidos.

**Estamos no inverno, vem uma tempestade grande (Ingrid), a cota ainda está confortável, mas há essa preocupação, principalmente por eventuais descargas, sabendo que depois a água do Castelo de Bode entra Tejo. E o Tejo tem também a montante, um conjunto de hidricas portuguesas e espanholas. Portanto, há o planeamento e a gestão dos imprevistos?**

Neste momento temos uma cota bastante confortável, aliás há uma cota da albufeira que difere entre

o verão e o inverno, naturalmente no inverno ela é mais baixa, precisamente para podermos acomodar maiores afluências. Naturalmente que é um aspeto muito importante, não só a monitorização da cota atual, mas também com as previsões daquilo que são as afluências. Uma coisa é sabermos aquilo que chove, e outra coisa é aquilo que se traduz nas afluências.

E nos últimos anos tem havido um desenvolvimento bastante significativo nesta matéria, ainda não é uma ciência absoluta, mas apoia de sobremaneira toda esta gestão. Como eu disse há pouco, existem normas que estão muito bem estabelecidas, naturalmente ao longo destes anos e com base nas experiências de fenómenos de grande afluência foram sendo ajustadas, mas essa é a nossa linha de atuação.

Quer aqui localmente na central, quer pelo facto desta central ser telecomandada a partir de um centro que está neste momento situado no Porto, juntamente com todas as outras barragens de EDP, há aqui uma monitorização sempre contínua daquilo que são as afluências e tudo aquilo que é depois o momento em que se determina que se comece a preparar primeiramente os descarregamentos e depois a efetivá-los.

E isto sempre, e é importante

**É realmente uma paisagem lindíssima, é uma obra muito imponente**

que as pessoas saibam, mais uma vez, mesmo tendo na base regras bem estabelecidas, há depois um alinhamento de grande coordenação, quer com a APA, quer com a Proteção Civil, porque é evidente que temos de fazer toda essa gestão.

**Vou utilizar uma metáfora: há alguns anos as pessoas de Constância vinham aqui bater à porta, para saber quando e quais os valores das descargas. Isto ainda acontece?**

Usando a metáfora, não temos tido pessoas a bater à porta. De forma geral a população começa a ficar cada vez mais atenta, até porque estes avisos de tempestade que falou há pouco são difundidos, portanto, há aqui uma percepção geral muito mais próxima destes fenómenos at-

mosféricos, como sabemos, por vir das alterações climáticas, tendem a ser cada vez mais intensos.

**Durante anos falamos, talvez pouco das hidricas. A 28 de abril do ano passado voltámos a ter as barragens, e concretamente o Castelo de Bode, na ordem do dia por via do apagão e por via de ter sido aqui, digamos, o ponto de arranque de todo o sistema. Foi um dia, foram dias, muito difíceis?**

Pode-se dizer que foi um grande desafio. É evidente que a Central tecnicamente está preparada para apostar esse serviço, mas...

**... uma coisa são os exercícios e as simulações, outra coisa é acontecer na realidade?**

E aí vem ao de cima aquilo que são as competências das pessoas que operam as máquinas, que estão preparadas para desempenhar esse serviço, mas que precisam de pessoas altamente competentes. Eu próprio estive, tive a oportunidade de acompanhar aqui o desempenho da equipa da central de Castelo de Bode e naturalmente também com o apoio de outros colegas, na reposição que foi fundamental para o restabelecimento de energia ao país, que começou exatamente por aqui. É naturalmente também teve aqui um papel absolutamente extraordinário das equipas, das empresas que fazem a gestão da rede nacional de transporte e da rede de distribuição.

**Têm a noção do tráfego que passa aqui por cima?**

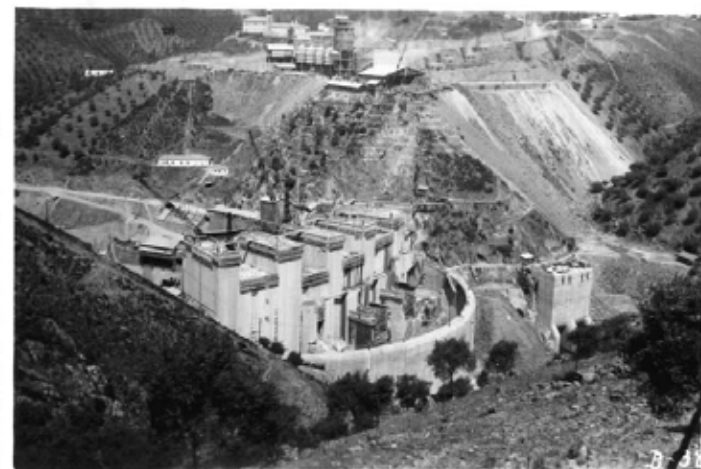
Não, não temos essa contabilização, mas foi também obviamente uma das conquistas deste empreendimento, foi exatamente a possibilidade de passar entre os dois concelhos. Há períodos de grande afluência pelo menos ao coroamento. É realmente uma paisagem lindíssima, é uma obra muito imponente, só sei que é um lugar muito querido quer das pessoas da região, quer com muitos visitantes.

**Deixe-me fazer-lhe uma outra pergunta que tem a ver com o turismo. Há implicações no tráfego de barcos com a própria barragem? Há uma zona limite, mas... é respeitada?**

Não há qualquer influência. A área de segurança está devidamente balizada e não temos tido episódios de pessoas inconscientes que queiram ultrapassar, porque não existe um perigo iminente. Mas existem, obviamente, riscos. A Barragem está delimitada e, portanto por nunca a devem ultrapassar.

**Uma última pergunta. Se a central estiver parada quanto tempo é que demora, após carregar no botão, a termos electricidade a sair aqui?**

No máximo em 10 minutos.



## Construção começou 1946 e inauguração foi a 21 janeiro de 1951

Na mesma notícia pode ler-se que o 21 de janeiro foi um dia festivo para todos os portugueses. Segundo o jornal estiveram presentes os Chefes de Estado e do Governo, Marechal Carmona e Oliveira Salazar, para lá da presença do povo anónimo "em muitos milhares", para a inauguração da grande barragem.

A Central Hidroelétrica de Castelo de Bode começou a ser construída em 1946 e entrou em operação em 1951. Com a subida das águas, ficaram submersas casas, aldeias, azenhas e lagares, pontes entre as duas margens. Só no concelho de Abrantes, no rio Zêzere, na ribeira da Brunheta, ribeira do Souto ou ribeira da Ferraria, ficaram debaixo de água mais de 30 azenhas ou lagares que existiam nas encostas agrícolas do rio. De Sentieiras (Souto) para Atalaia a passagem era feita por um açude, depois, passou a ser feita por terra. Há quem conte que nos verões mais secos passava-se o Zêzere a pé, do Bairro Fundeiro para a outra margem, já concelho de Tomar.

Na altura, foram expropriados 3.500 hectares de terrenos, mil prédios urbanos (em várias aldeias) e 250 indústrias agrícolas. Terão sido indemnizados cerca de 1.400 proprietários de terrenos das duas margens.

A albufeira, resultante da construção da Barragem do Castelo de Bode, estende-se ao longo de 60 quilómetros, cobre 3.300 hectares e foi, até à construção do Alqueva, a maior reserva nacional de água para consumo, abastecendo os habitantes na área da grande Lisboa, para além dos concelhos limítrofes à albufeira. Através da EPAL a água do Castelo de Bode chega aos concelhos de Lisboa; Sintra; Oeiras; Cascais; Amadora; Loures; Odivelas; Vila Franca de Xira; Alenquer; Arruda dos Vinhos; Sobral de Monte Agraço; Cartaxo; Torres Vedras; Mafra; Ourém; Entroncamento; Torres Novas; Vila Nova da Barquinha; Tomar; e Batalha.

Também os concelhos de Abrantes, Ferreira do Zêzere, Figueiró dos Vinhos, Sardoal, Sertã e Vila de Rei são abaste-

cidos pelo Castelo de Bode.

A barragem, com um paredão em betão, tem 115 metros de altura e um coroamento com 402 metros de comprimento.

Na área da produção de electricidade, concessionada à EDP; conta com três grupos geradores, tem uma potência instalada de 159 megawatts (MW).

Quanto aos aspetos técnicos a barragem era ainda descrita como tendo uma bacia de 3,950 km<sup>2</sup> de área, uma capacidade de armazenamento de 1.070 milhões de m<sup>3</sup> de água, e terá custado 600 mil contos (3 Milhões de Euros).

Para além de abastecimento de água para consumo e de produção de electricidade permite ser um regularizador de variações hidrológicas da bacia do Tejo. Depois, ao longo dos anos, o seu potencial turístico foi crescendo tanto no lazer como em variados desportos náuticos.

A barragem e albufeira, criou constrangimentos entre as ligações das duas margens, ancestrais, já que o Zêzere era um rio pequeno. Localidades de Abrantes ligavam-se a Tomar e de Vila de Rei a Ferreira do Zêzere.

Apesar destes constrangimentos a travessia sobre o paredão é uma das mais frequentadas sobre o rio Zêzere, uma rota comercial e turística de grande importância entre o concelho de Abrantes e Tomar.

O Castelo de Bode faz ainda parte da cascata de barragens do Zêzere juntamente com a Barragem do Cabril (situada na Pampilhosa da Serra e Pedrógão Grande) inaugurada em 1954 e com a Barragem de Bouçã (Pedrógão Grande e Sertã) inaugurada em 1955. A Barragem do Castelo de Bode voltou a ser muito falada em 2025 a propósito do apagão de 28 de abril. Isto porque o Castelo de Bode é um dos centros de produção que integra o sistema Black Start em Portugal. As centrais hidroelétricas são ideais porque precisam de pouca energia auxiliar, arrancam em minutos e conseguem fornecer potência e controlo de frequência.

/ Jerónimo Belo Jorge

# Só

no concelho de Abrantes, no rio Zêzere, na Ribeira da Brunheta, ribeira do Souto ou ribeira da Ferraria, ficaram debaixo de água mais de 30 azenhas ou lagares que existiam nas encostas agrícolas do rio.

O historiador José Martinho Gaspar já escreveu muito sobre a albufeira e as aldeias do norte do concelho de Abrantes que mudaram quando a água começou a encher toda a bacia do Zêzere,

Quando se começou a falar na barragem, foi antes de 1946, ano em que começou a ser construída. Em 1950 começa o enchimento e depois, a 21 de janeiro de 1951, acontece a inauguração. Todos estes territórios, do norte do concelho de Abrantes, Tomar, Ferreira do Zêzere, Vila de Rei e Sertã, eram apenas um vale encaixado com um rio lá no fundo. Um rio com pouca água no verão, com mais água no inverno. E com uma mão-cheia de ribeiras a fazerem zigzagues até desaguiarem no Zêzere. Aquelas encostas tinham muitas azenhas, muitos lagares para aproveitando as águas do rio e muita agricultura.

José Martinho Gaspar confirma que, por um lado tínhamos o rio propriamente dito, que corria com caudais muito diferentes de verão relativamente ao inverno, mas depois tínhamos também, e esse é um aspeto muito interessante, uma série de ribeiras nesta rede hidrográfica, nomeadamente aqui a norte do concelho de Abrantes e a norte do concelho de Sardoal, fazendo a separação do concelho de Vila de Rei através da Ribeira do Codes. “São de facto ribeiras muito significativas e que também tinham uma expressão importante nesses engenhos que existiam, de azenhas e lagares, muitíssimos, em quase todas as aldeias. Depois também uma série de terras que, junto do rio e junto destas ribeiras, eram as terras mais férteis, que eram aquelas terras que as pessoas denominavam ‘nateiros’. E esses terrenos beneficiavam das cheias que o inverno muitas vezes trazia, e das terras e areias mais férteis que as ribeiras ou o rio traziam para junto das suas margens. Eram interessantes sobretudo para a cultura do milho, por exemplo, terras bastante férteis, bem como para oliveiras, por exemplo. Por outro lado, havia algumas pequenas localidades nestas margens, no caso do concelho de Vila de Rei,



## A construção da Barragem mudou o território

// A Central Hidroelétrica de Castelo do Bode começou a ser construída em 1946 e entrou em operação em 1951. Com a subida das águas, ficaram submersas casas, aldeias, azenhas e lagares, pontes entre as duas margens.

por exemplo, há sete localidades que foram integralmente submersas pela albufeira.”

Segundo o historiador esta barragem inscreve-se numa série de obras que são uma aposta a partir de 1946. Em 51 é o Castelo de Bode, em 54 inaugura o Cabril e em 55 a Bouçã, as três barragens que fazem a cascata do Zêzere.”

Segundo José Martinho Gaspar terá havido dúvidas em alguns locais no que diz respeito ao sítio onde efetivamente as águas da Albufeira podiam ou não podiam chegar. “Havia sempre ali algumas dúvidas e, houve inclusivamente alguns sítios, onde diziam que elas não chegariam e acabaram por chegar e outros sítios que chegariam e acabaram por não chegar. As pessoas mais idosas, quando falamos com elas, ainda recordam isso.”

Esta barragem diz tem um aspeto muito interessante porque acabou por provocar uma mudança significativa na vida de muitas pessoas nesta região, e nos hábitos e relações que mantinham entre si, assim como nas ligações que existiam entre as aldeias.

“No caso de todo o norte do concelho de Abrantes, onde muitas vezes havia, até por dificuldades das próprias vias de comunicação, uma proximidade maior com o concelho de Vila de

Rei, onde as pessoas iam às feiras, aos mercados, à missa e por aí fora. Depois veem esta barreira acabar por se impor. O mesmo acontece com uma sede freguesia como é a aldeia do Souto. As pessoas hoje olham para aquilo que é o Souto e veem como uma aldeia ‘quase morta’, mas que tinha uma dinâmica sob o ponto de vista comercial e sob o ponto de vista do número de habitantes. Se nós olharmos para o Souto nos anos 50, fora da sede do concelho de Abrantes era das aldeias mais povoadas. A Barragem de Castelo de Bode corta uma ligação que se fazia para o concelho de Tomar. Acabamos por ter uma aldeia que vai definir, a partir do momento em que só vai ali quem tem que

ir por necessidade e já não é um local de passagem quando se passa a fazer essa passagem pela barragem de Castelo de Bode.”

O historiador abrantino revelou ainda que “houve muitas pessoas que nesta altura, pelos anos 50, 60, mas até ao final dos anos 50, que saíram para o Brasil, para a Argentina, para outras zonas do país, como a Azambuja, como Ponte de Sor. Pouco a pouco muitas pessoas acabaram por ir saindo porque perceberam que as propriedades que aqui tinham já não eram suficientes para fazerem a vida, que assentava na produção agrícola que elas tinham. Por outro lado, também é curioso ver, e eu li algumas coisas escritas nomeadamente por uma família da Matagosa, que é a família Piori, que eram pessoas um pouco à frente do seu tempo, e que dentro da realidade do regime eram oficiais da armada, do exército, mas que tinham uma visão de desenvolvimento turístico para o norte do concelho. Viam e olhavam para o futuro daquela região como vindo a beneficiar do que podia ser a subida das águas de Castelo de Bode.”

O enchimento, em 1950, foi diferente, por exemplo, do Alqueva. No Castelo de Bode, diz José Martinho Gaspar, não houve limpeza dos terrenos, desmatação

ou demolição de edifícios. A água subiu e deixou tudo submerso.

“A água vem por aí acima, grande parte da vegetação que existia, das árvores que existiam, a exceção de oliveiras que foram arrancadas para transplantar para outras regiões, acabou por subir. Eu, por exemplo, lembro-me, já nos anos 80, quando se fizeram as obras de captação de água para consumo humano para Lisboa, como nós vimos estas árvores que ficaram debaixo das águas da albufeira. Com esta subida e descida das águas é que elas acabaram por apodrecer.”

José Martinho Gaspar defende que deveria haver atividades sobre esta efeméride, 75 anos da inauguração, porque afinal de contas “estamos a falar de uma infraestrutura que foi significativa e que continua a ser significativa.”

E acrescentou que “se há uma infraestrutura que tem um peso numa região, essa é com certeza a barragem do Castelo de Bode e aquilo que ela significou, aquilo que ela transformou e aquilo que ela representou para essa região e para o próprio país durante estes 75 anos. Com certeza vai continuar a representar e, por essa via, é óbvio que merece toda a nossa atenção.”

E como homem do norte do concelho de Abrantes, conclui a dizer que “do ponto de vista pessoal, se calhar a barragem foi das coisas mais importantes e que tornou a minha infância mais feliz, como terá tornado a muitos outros que nasceram nas proximidades de algo que foi o Castelo de Bode. “Efetivamente nascer num sítio daquele espetacular onde nós podíamos passar verões como nenhum dos outros passavam noutras localidades por ali perto, foi uma coisa verdadeiramente fantástica.”

/ Jerónimo Belo Jorge

O candidato a profissional do ano é avaliado sob a ótica da prova quádrupla, um código de ética criado por Herbert Taylor em 1932 e adotado mundialmente por Rotary. O profissional homenageado deve demonstrar que as suas ações respondem sim, a quatro perguntas fundamentais: “É verdade”, que reflete a integridade e transparência no que diz e faz, “é justo” para todos os interessados, equidade e respeito aos direitos alheios, “criará boa vontade e melhores amizades”, que a capacidade de gerar harmonia e cooperação “será benéfico para todos os interessados”, a visão de bem comum e impacto positivo. António Paulo referiu, após evocar a prova quádrupla: “eu creio que será fácil reconhecermos o Acácio a confirmar que sim a todas estas questões.”

Já Hália Santos, presidente em exercício destacou os três momentos altos da vida rotária: a atribuição de bolsas de estudo, o curso de liderança, que já vai para a sua 15.ª edição, e o projeto “Mãozinhas que Salvam Vidas”.

Hália Santos focou-se depois no homenageado da noite, ou homenageados, pois o Acácio Teixeira e a Maria Manuel constituem, juntos

a “instituição” que é a vida ligada à música. “Eu não os conhecia pessoalmente, mas há 25 anos que vim para Abrantes e sempre ouvi falar destas pessoas e da importância que elas têm na comunidade e foi com um enorme carinho que fomos recebidos e o que aconteceu a seguir foi absolutamente incrível.”

A presidente do Rotary frisou ainda que esta homenagem pode ser resumida assim “a importância e o conforto, a segurança que estas crianças, estes jovens, como nós vimos aqui também, recebem neste espaço criado por vocês os dois.”

Acácio Teixeira recebeu a placa evocativa e o diploma da prova quádrupla, para além de um “mimo” dos ex-alunos. Depois começou por agradecer: “O vosso lema, dar-te-si antes-de-si, é exatamente um lema que eu também adoto na minha vida. Na prática pedagógica, este princípio ganha vida diariamente. Cada aluno que chega com anseio de conhecimento, com as suas inseguranças ou sonhos, é um convite para nós servirmos. Com paciência, com escuta, com dedicação.”

Depois fez questão de mencionar os quatro pilares da sua vida, explicando-os, um a um-

O primeiro é a família. “Primariamente, começo por mencionar os meus pais, Manuel Martins

// PROFÍSSIONAL DO ANO DO ROTARY CLUBE DE ABRANTES

## 40 anos de uma vida, a dois, a ensinar música

// Acácio Teixeira foi homenageado como profissional do ano pelo Rotary Clube de Abrantes, uma escolha que teve de passar pela prova quádrupla. E no agradecimento mostrou os quatro pilares da sua carreira de 40 anos ligada ao ensino e à música.

Teixeira e Olívia da Conceição Pinheiro.”

Acácio Teixeira citou depois, Nelson Mandela, que disse que a educação é a arma mais poderosa para mudar o mundo. Passou para Sir Isaac Newton que “expressou isso de forma notável” numa carta que ele dirigiu ao cientista inglês Robert Hooke quando ele escreveu “Se eu vi mais longe, foi por estar de pé sobre os ombros de gigantes.” O homenageado disse que o princípio o tocou profundamente e constituiu o segundo pilar. “Estou

perfeitamente convencido que o meu percurso educativo e profissional não teria sido possível sem os gigantes que eu encontrei ao longo do meu caminho.”

O terceiro pilar é, disse, “sem dúvida, o mais significativo, marcante e decisivo, não só na minha vida profissional, mas principalmente na vida pessoal e íntima.” E recuou a 1987, quando a vida, confessou, foi surpreendida com algo inesperado. “Contigo, Maria Manuela” e depois deixou aquilo que de pode dizer assim: uma bo-

nita declaração de amor.

Chegou ao quarto pilar, afinal “o nos trouxe aqui hoje. E este envolve, naturalmente, o ensino e a importância do ensino da música, assim como alguns princípios, valores e desafios que merecem a nossa reflexão. A música é frequentemente considerada como uma das maiores expressões culturais da humanidade, estando presente de forma transversal em todas as sociedades e diferentes culturas.”

Acácio Teixeira disse ainda que toda a educação musical deve partir do pressuposto de centrar-se no aluno e visar a satisfação das suas necessidades. O processo de ensino não se resume apenas à transmissão de conhecimento.

Luís Filipe Dias, vereador com o pelouro da cultura, fechou a noite com elogios ao homenageado e esposa, referindo aquilo que dizemos, que é um dom, uma palavra dita várias vezes na cerimónia.

“Vocês têm esta vocação e vão carregá-la até ao fim dos tempos. E eu tenho a certeza que em São Paulo, neste momento, há alguém que, com todo aquele talento que ele acarreta. Acho que os abrantinos têm que conhecer o talento do vosso filho, que de facto é um dos músicos mais notáveis, seguramente, aqui deste nosso planeta.”

A encerrar o vereador passou a uma declaração mais pessoal: “Tenho o privilégio de ter uma filha que vos acompanhou durante muitos, muitos anos e que vos adora. E é fácil gostar de vocês, porque de facto vocês são pessoas de uma integridade inabalável.”

Aos jornalistas Acácio Teixeira resumiu os quatro pilares da sua vida. “São quatro pilares fundamentais que me levam a fazer com paixão aquilo que eu faço.”

Entre as atuações e as mensagens, Acácio Teixeira revelou que “foi tudo uma surpresa, foi muito tocante. Estou emocionado, peço desculpa, até o que estou a dizer posso tropeçar um pouco nas palavras, mas foi uma surpresa total.”

/ Jerónimo Belo Jorge



### // O Homenageado

Nasceu em Lisboa, em 1967. Acácio Pinheiro Martins Teixeira iniciou os estudos musicais aos sete anos no Instituto de Música Vitorino Matono, onde estudou órgão, acordeão e piano. Concluiu os cursos de Acordeão e Piano no Conservatório de Música de Lisboa, licenciou-se e frequentou o mestrado em Ensino de Música na Universidade de Évora. Acáçei foi professor em várias instituições de ensino oficial, sendo atualmente docente no Conservatório de Música do Choral Phydellius, em Torres Novas, onde também integrou a direção pedagógica. É ainda



pianista acompanhador do Coro Misto do Orfeão de Abrantes e do Coral Polifónico da Ponte de Sôr. Ao longo da carreira, foi distinguido com o Galardão Cultura na Gala Antena Livre

(2010), a Medalha de Mérito Cultural do Município de Abrantes (2012) e integrou, em 2016, o conjunto de personalidades e instituições galardoadas no centenário da elevação de Abrantes à categoria de cidade. Dos vários momentos da noite, teve três alunos a tocar outras tantas peças ao piano, testemunhos de ex-alunos e dois especiais. Um da esposa Nela, emocionada. Outro do filho, André Nathanael Sousa, também ele músico, compositor e produtor musical que estando em São Paulo, no Brasil, deixou para todos uma mensagem em vídeo.

### Acácio Teixeira e Maria Manuela Teixeira

Um importante pianista deu um concerto fabuloso.

No final, uma admiradora fez questão de ir ao camarim dizer-lhe a sua admiração. - Eu daria a minha vida para tocar assim! - Eu dei, respondeu.

(pausa) Acácio Teixeira e Nela Teixeira deram as suas vidas (40 anos!) para que os nossos jovens, e não só, sejam emocionalmente mais inteligentes - capazes de dominar uma linguagem que os faz mais homens ou mulheres e torna as nossas comunidades mais cultas. Obrigado!

A. Jana

# Pior tempestade de sempre, deixa rasto de destruição

// A região do Médio Tejo foi uma das mais afetadas pela passagem da depressão Kristin pelo território continental. Ourém, Tomar, Torres Novas, Ferreira do Zêzere, Vila de Rei, Sardoal, Abrantes e Mação são os concelhos que apresentam mais constrangimentos e onde o rasto de destruição é mais visível.

// Quedas de árvores, desabamentos de estruturas, movimentos de massas, inundações de superfícies e limpeza de via foram as principais ocorrências e as prioridades viraram-se para a mobilidade, para que ninguém ficasse sem socorro. A falta de comunicações e de eletricidade vieram complicar as já muito complicadas situações que se viveram no terreno. Certo é que vai levar tempo a que tudo volte a estar no sítio.

// Com a situação a ficar mais ou menos normalizada, ficam algumas imagens do terror vivido na região.



**O** alerta foi feito para uma zona mais a norte, algures entre Aveiro e Figueira da Foz, mas se a meteorologia acertou na hora (das 3 às 6 da manhã), a entrada da depressão cavada e com grande capacidade de destruição pelos ventos fortes (com rajadas da ordem dos 200 kms/h), entrou mais a sul. O rasto de destruição atingiu muitos concelhos dos distritos de Coimbra, Leiria, Santarém e Castelo Branco. São 60 concelhos que viram o governo

decretar o Estado de Calamidade de 28 a janeiro a 8 de fevereiro. E do Médio Tejo também os 11 concelhos estão neste grupo. Se Leiria e Marinha Grande têm sido os locais mais mediáticos pelo rasto de destruição da Kristin, Ourém e Ferreira do Zêzere, no Médio Tejo, não se ficam atrás. E depois Abrantes e Mação (zona norte dos concelhos) e Sardoal tiveram zonas com uma grande devastação. Com menos ocorrências, mas com algumas situações complexas, Constância

e Vila Nova da Barquinha viveram também uma manhã do dia 28 de janeiro complicada. Operacionais de bombeiros, sapedores, proteção civil, municípios, juntas de freguesia e, em muitos casos, cidadãos voluntários, meteram mãos à obra para desobstruir estradas ou para ajudar alguns cidadãos que viram os telhados voar. E depois o drama de viver, nos dias de hoje, sem eletricidade. Foi-se a luz. Milhares de quilómetros de linhas de eletricidade de alta, média e baixa tensão foram

# Depois da Kristin os olhares passam para as cheias

A palavra cheias parece ir desaparecendo do léxico ribeirinho do Tejo, pois desde 2001 que não existem cheias no Tejo, no verdadeiro significado da palavra.

Mas este ano, a palavra volta a fazer parte do léxico e das preocupações das autoridades e da proteção civil.

A 2 de fevereiro a Comissão Distrital de Proteção Civil deu conta das preocupações para as duas primeiras semanas do mês e após a passagem da depressão Kristin. Do ponto de vista meteorológico, nestas duas semanas Portugal será atravessado por um “comboio” de superfícies frontais que transportam muita água. Do ponto de vista hidrológico, com um inverno com muita chuva, os terrenos estão saturados e tudo o que chove é escorrência para os rios, para aumentar caudais.

Por isso mesmo é feito o alerta para os aumentos de caudais do Tejo, por um lado, geridos em grande parte pelas barragens, mas de todos os afluentes que não têm gestão nenhuma. Ou seja, Nabão, Alviela, Almonda e todas as ribeiras afluentes estão a ser monitorizadas pelos bombeiros e

por uma equipa do exército, pois podem existir episódios de cheia, que nos afluentes do Tejo podem ser muito rápidas.

Manuel Jorge Valamatos, presidente da Comissão Distrital da Proteção Civil deu conta, nesse

dia (2 fevereiro) das dificuldades de escoamento do rio Torto, o que estava a causar problemas em Arrifana, com corte da estrada que liga a Nacional 2 a S. Miguel do Rio Torto.

No sentido de tentar aliviar e

precarer problemas a barragem do Castelo de Bode esteve três dias (de 30 de janeiro a 1 de fevereiro) a fazer descargas de 2.000 m<sup>3</sup>/segundo para ganhar capacidade de encaixe de toda a água da bacia do Zêzere e do degelo

de uma parte da Serra da Estrela.

Se no dia 29 de janeiro o Castelo de Bode estava com 98% da sua capacidade, na segunda-feira, dia 2, tinha aliviado para a ordem dos 84%. Porquê? Para permitir a subida de caudais do Tejo, natural, e evitar grandes cheias na Lezíria do Tejo, que no último dia de janeiro tinha cerca de 60 estradas submersas ou com constrangimentos.

E a ideia é gerir cheias, mais pequenas, do que andar “às aranhas” com cheias de grandes dimensões, ao nível da década de 70 ou até 80 do século passado.

E o alerta é para todas as populações das zonas ribeirinhas tenham atenção aos aumentos de caudais. Mas se no Tejo as descargas das barragens permitem algumas horas para gestão de evacuações, se necessário, o maior problema e onde é pedida uma maior atenção dos cidadãos é nas ribeiras e rios mais pequenos, afluentes do Tejo. É nestes casos que podem surgir cheias muito rápidas derivado das quantidades elevadas de pluviosidade e a dificuldade de escoamento para o rio.



destruídos, deixando no pico das ocorrências um milhão de portugueses sem luz. [Na tarde de dia 2 de fevereiro existiam ainda 150 mil habitantes sem eletricidade]. Sem luz, surgem os constrangimentos no abastecimento de água, pois os sistemas deixam de funcionar e nas telecomunicações, pela mesma situação. E este foi um dos maiores dramas das populações, isoladas, sem luz, água e comunicações. O outro patamar de prejuízos teve a ver com os ventos que deixa-

ram muitas casas sem telhados, deixando famílias desalojadas e a precisar de apoio para obras por forma a não perderem o que têm nas habitações. Mação registou cinco dezenas de desalojados, com as respostas a serem encontradas nas redes de vizinhança, familiares ou IPSS's. Em Vila de Rei quase duas dezenas de pessoas ficaram sem condições nas suas habitações e em Abrantes também houve meia dúzia de casos. Há também vários edifícios

públicos com danos causados pela depressão. Na segunda-feira, dia 2, havia ainda alguns constrangimentos no norte do concelho de Abrantes, no norte do concelho de Mação e nalgumas aldeias do concelho de Vila de Rei. Se na eletricidade e água estava quase tudo regularizado, as comunicações eram ainda o maior constrangimento de Mação e Vila de Rei. O Comando Sub-regional do Médio Tejo registou, entre as 00 horas de 28 de janeiro e as 12 horas

de 2 de fevereiro, 1.014 ocorrências, com envolvimento de 4.385 operacionais e 1.457 veículos. Na região registaram-se 522 quedas de árvores, 88 danos em redes de fornecimento elétrico e 22 situações de queda de estruturas edificadas. Ao nível de concelhos, Torres Novas registou mais ocorrências, com 174 situações. Seguiram-se 166 em Ourém, 156 em Tomar, 145 em Sardoal, 102 em Abrantes, 74 Alcarenna, 48 Ferreira Zêzere e Mação, 41 em Barquinha, 36 no Entronca-

mento e 24 em Constância. A região do Médio Tejo conta com grupos de reforço de bombeiros da Grande Lisboa, Península de Setúbal, Alto Alentejo, Lezíria do Tejo e Exército. À hora de fecho desta edição ainda existiam localidades sem eletricidade, continuavam os trabalhos de desobstrução de vias e começavam a surgir vários movimentos de solidariedade para com os zonas mais afetadas pela Kristin / Jerónimo Belo Jorge e Patrícia Seixas

## DESTAQUES

### A ABRANTES

- **Até 14 de março** – Exposição “Traços Imperceptíveis de Resistência”, de Susana Rosa – Biblioteca Municipal António Botto
- **Até 15 de março** – Exposição “Malas Artes”, de Mário Cordeiro – MIAA – Museu Ibérico de Arqueologia e Arte
- **Até 19 de março** – Exposição coletiva “Inéditos, revisitados” com obras da Coleção Figueiredo Ribeiro – MIAA – Museu Ibérico de Arqueologia e Arte
- **Até 29 de março** – Exposição coletiva “Cerâmica XL”, do Grupo Convergências – MIAA – Museu Ibérico de Arqueologia e Arte
- **7 de fevereiro** – Espetáculo para bebés “Akai e Koku” – Biblioteca Municipal António Botto, às 10h (6 aos 18 meses) e 11h30 (19 aos 36 meses)
- **14 de fevereiro** – “Há Amor no Mercado”, elaboração de um coração decorativo em tecido, por Margarida Fernandes – Mercado Municipal, às 10h
- **14 de fevereiro** – Espetáculo infantil “Contos de Cá Cá Rá Cá Cá”, por Ângela Ribeiro – Biblioteca Municipal António Botto, às 11h
- **14 de fevereiro** – Espetáculo “O Príncipe, a Princesa e o Mauzão” – Crucifixo, Sociedade União Crucifixe, às 21h30
- **21 de fevereiro a 27 de junho** – Exposição “Registos, os relicários da memória” Coleção da Família Marçal Ruivo da Silva – Quartel – Galeria Municipal de Arte
- **26 de fevereiro** – Workshop “Preparar o Atleta do Futuro” – Edifício Pirâmide, às 21h30
- **27 de fevereiro a 15 de março** – Feira de S. Matias – Aquapolis Sul
- **28 de fevereiro** – Lançamento do livro “Fiorella e a coroa de aguarela” com texto de Catarina Lopes Mata e ilustrações de Daniel Fuscilla – Biblioteca Municipal António Botto, às 11h
- **28 de fevereiro** – Caminhada pelo Carvalhal – Concentração dos participantes na Junta de Freguesia de Carvalhal, às 14h30

### C CONSTÂNCIA

- **Até 16 de fevereiro** – Exposição “Bonecar com a Bela”, de Felisbela Canelas – Biblioteca Municipal Alexandre O’Neill
- **Até 4 de abril** – Exposição “Alexandre O’Neill – Uma vida em forma de assim” – Sala Polivalente do Cineteatro Municipal
- **4, 11, 18 e 25 de fevereiro** – Oficina “A Arte do Calafate”, por Sérgio Silva – Estaleiro junto ao rio Tejo, das 9h às 11h

### M MAÇÃO

- **Até maio** – Exposição “A Arte Rupestre do Vale do Ocreza – 25 Anos da Descoberta” – Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado do Vale do Tejo
- **6 de fevereiro** – Teatro “Romeu e Julieta”, por Jangada Teatro – Cine-Teatro, às 21h
- **13 a 28 de fevereiro** – Exposição de pintura “(In)Constância da Cor”, de Sílvia Brota – Galeria Carlos Saramago do Centro Cultural
- **14 de fevereiro** – Cinema “A Criada” – Cine-Teatro, às 21h
- **16 de fevereiro** – Desfile de Carnaval – Concentração dos participantes na Biblioteca Municipal, às 14h

## Felisbela Canelas expõe “Bonecar com a Bela” em Constância

“Bonecar com a Bela” é o título da primeira exposição de bonecos de tecido, da autoria de Felisbela Canelas, que está patente na Biblioteca Municipal Alexandre O’Neill, em Constância, até 16 de fevereiro.

Felisbela Canelas é natural do concelho de Constância, local com o qual mantém uma forte ligação e onde reside grande parte da sua família. Desde muito cedo que Felisbela se começou a dedicar à costura e a diversos trabalhos manuais, sendo que para a artista a confeção de bonecos em tecido e outros materiais pedagógicos mais do que um simples gosto, é uma verdadeira terapia.

A exposição pode ser apreciada durante o horário de funcionamento da Biblioteca Municipal, de segunda a sexta-feira, das 9h00 às 17h00.



## Valter Lobo apresenta “Melancólico Dançante” em Sardoal

“Melancólico Dançante” é o nome do mais recente álbum de Valter Lobo, que serve de mote para o concerto de dia 7 de fevereiro no Centro Cultural Gil Vicente, em Sardoal, “num espetáculo intimista que combina melodias suaves com letras poéticas para explorar temas universais como o amor e a identidade”.

Este quarto disco de originais, editado em 2025, consolidado como uma das vozes mais singulares da nova canção portuguesa. A composição do álbum foi inspirada pelas viagens que o cantor fez pelo Brasil, Argentina e Uruguai, resultando num trabalho introspetivo e envolvente.

Além das novas músicas, Valter Lobo irá revisitar temas que marcaram o seu percurso artístico e conquistaram o público, como ‘Oeste’ e ‘Guarda-me Esta Noite’, num espetáculo descrito como “delicado, emocional e profundamente envolvente”.

Os bilhetes têm o preço de 15€ e podem ser adquiridos na bilheteira do Centro Cultural e na Ticketline.pt.



## Teatro “Sempre que a Revista Canta” em Vila Nova da Barquinha

O Centro Cultural de Vila Nova da Barquinha recebe, no dia 14 de fevereiro, às 21h30, o teatro “Sempre que a Revista Canta”.

Neste espetáculo cheio de humor e música, inspirado no teatro de revista, a crítica social e política está em destaque. O humor é mordaz, elegante e não foge aos temas que incomodam, com trocadilhos inteligentes, marcas dominantes nas rábulas originais protagonizadas pelos atores Vítor Emanuel, Maria Tavares e Raquel Caneca, a quem se junta a cantora Cidália Moreira, que abrilhanta o espetáculo com as suas canções mais populares.

Partindo do popular tema “Sempre que Lisboa canta”, o público pode assistir a grandes momentos de comicidade através de rábulas que abordam, por exemplo, os trabalhadores da Uber; uma inesperada carta que “coloca tudo a nu”; uma brincadeira com os nomes mais populares da atualidade; uma doente muito especial e até um momento sério que arrebatará o público.

Os bilhetes, com o preço de 10€, estão disponíveis no Centro Cultural. As reservas podem ser efetuadas através dos seguintes contactos: telefone 249 720 358 e e-mail reservas@cm-vnbarquinha.pt.



- **21 de fevereiro** – FestFado com Dora Maria e Emanuel Moura – Cine-Teatro, às 21h30
- **22 de fevereiro** – Cinema “Frankie e os Monstros” – Cine-Teatro, às 16h
- **28 de fevereiro** – Cinema “O Primata” – Cine-Teatro, às 21h

### S SARDOAL

- **Até 17 de fevereiro** – Exposição “MariUp: Personagens da Literatura Infantil”, de Sofia Branco – Biblioteca Municipal
- **7 de fevereiro** – Atividade “Coração brilhante e a magia do mundo imaginário”, por Patrícia Landeiros (5 aos 12 anos) – Biblioteca Municipal, às 11h
- **7 de fevereiro** – Clube de Leitura “Atrás de histórias” – Biblioteca Municipal, às 15h
- **7 de fevereiro** – Concerto de Valter Lobo – Centro Cultural Gil Vicente, às 21h30
- **14 de fevereiro** – Oficina criativa “Pequenos livros, grandes aventuras”, por Alberto Vale (6 aos 14 anos) – Biblioteca Municipal, às 11h
- **14 de fevereiro** – Oficina criativa “Segredos Dourados” (8 aos 14 anos) – Biblioteca Municipal, às 15h
- **14 de fevereiro** – Cinema “A Criada” – Centro Cultural Gil Vicente, às 16h e 21h30
- **21 de fevereiro** – Projeto “Bebêlé”, por Carina Bouça (6 aos 36 meses) – Biblioteca Municipal, às 11h
- **21 de fevereiro** – Cinema “Greenland – Um novo começo” – Centro Cultural Gil Vicente, às 16h e 21h30
- **28 de fevereiro** – Apresentação do livro “O Destino Português de Sam”, de Evelina Gaspar – Biblioteca Municipal, às 15h

### R VILA DE REI

- **1 de fevereiro** – “Os Quintais nas Praças do Pinhal” – Telheiro do Parque de Feiras, das 9h às 13h
- **7 de fevereiro** – Passeio Pedestre pelo Trilhos das Cascatas – Concentração dos participantes junto à sede da Casa dos Amigos do Pisão, às 9h
- **11 a 13 de fevereiro** – Semana da Amizade
- **15 de fevereiro** – Desfile de Carnaval, às 15h

### B VILA NOVA DA BARQUINHA

- Até 21 de março – Exposição “Rasto”, de Carlos No – Galeria do Parque
- **7 e 14 de fevereiro** – Ateliers infantis “Pequenos artistas”, por Marília Aquino Lopes – Centro de Estudos de Arte Contemporânea, das 10h30 às 13h
- **14 de fevereiro** – Teatro “Sempre que a Revista Canta” – Centro Cultural, às 21h30
- **21 de fevereiro** – Clube de Leitura – Biblioteca Municipal Carlos Matos Gomes, às 15h
- **21 de fevereiro** – Concerto de “Old Wish & Convidados”, apresentação do disco “Renascer das Cinzas” – Centro Cultural, às 21h29
- **23 e 24 de fevereiro** – Autocarro “Creativity”, espaço para workshops que estimulem a criatividade – Rua Dona Maria II (junto à Escola)

/ André Lopes  
/ Agenda Cultural do Médio Tejo



## Pão de Passas e Nozes

Um pão rústico, de fermentação lenta, perfeito para a mesa de Natal. Aromático, de miolo macio e crosta estaladiça, fica delicioso simples ou acompanhado de manteiga e queijos.

### / Ingredientes:

500 g de farinha de trigo T65  
420 ml de água morna  
9 g de fermento de padeiro seco  
1 colher (sopa) de açúcar  
1 colher (sopa) de sal  
100 g de nozes grosseiramente picadas  
100 g de passas de uva

### / Preparação:

Numa taça grande, misture a farinha, o sal, o açúcar e o fermento. Junte a água morna e mexa até obter uma massa homogénea e pegajosa. Cubra com película aderente e deixe repousar até dobrar de volume, sem pressas. Coloque a massa sobre uma bancada enfarinhada, estenda-a ligeiramente e distribua por cima as nozes e as passas. Dobre a massa sobre si mesma para envolver bem os ingredientes e molde o pão em forma de bola. Faça alguns golpes no topo, coloque o pão

sobre papel vegetal e transfira-o para um tacho previamente aquecido. Tape e deixe repousar mais 20 minutos. Leve ao forno a 200 °C durante 30 minutos, com o tacho tapado. Depois, destape, retire o pão do tacho e deixe dourar por mais 10 minutos, até ganhar uma crosta bonita e estaladiça. Sirva morno ou frio.



## Entrecosto Assado no Forno

### / Preparação:

Comece por retirar cuidadosamente a pele branca que envolve o entrecosto. Este passo ajuda a que a carne fique mais macia e absorva melhor os temperos.

Disponha o entrecosto num tabuleiro de forno e tempere com alho em pó, sal e pimentão doce. Regue com um fio de azeite, junte algumas folhas de alecrim e acrescente um fio de molho de soja. Envolve bem a carne nos temperos, cubra e deixe repousar por, no mínimo, 30 minutos, para que os sabores se intensifiquem.

Findo o tempo de repouso, regue o entrecosto com o sumo de uma laranja e o sumo de um limão. Distribua por cima algumas nozes de manteiga e adicione meio copo de vinho branco ao tabuleiro.

Leve ao forno previamente aquecido a 180 °C e deixe assar até a carne ficar bem dourada e tenra, regando ocasionalmente com o próprio molho. Retire do forno e sirva de imediato, acompanhado de batatas assadas ou legumes salteados.



## Rolinhos de Canela Caseiros

Fofos, aromáticos e irresistíveis, estes rolinhos de canela são perfeitos para um pequeno-almoço especial ou lanche em família.

### / Ingredientes:

Massa  
500 g de farinha de trigo  
250 ml de leite morno  
10 g de fermento de padeiro seco  
80 g de açúcar  
1 ovo  
80 g de manteiga derretida  
1 pitada de sal  
Recheio  
100 g de açúcar mascavado  
2 colheres (sopa) de canela em pó  
60 g de manteiga amolecida

### / Preparação:

Numa taça, dissolva o fermento no leite morno e deixe repousar cerca de 5 minutos. Junte o açúcar, o ovo, a manteiga derretida e o sal. Misture bem. Acrescente a farinha aos poucos e amasse até obter uma massa macia e elástica. Cubra a massa e deixe levedar num local morno até dobrar de volume. Estenda a massa numa superfície enfarin-

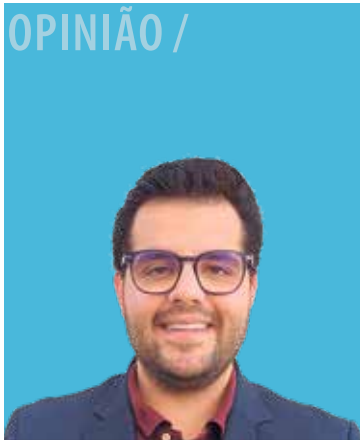


hada, formando um retângulo. Barre a manteiga do recheio por toda a superfície, polvilhe com o açúcar mascavado e a canela. Enrole a massa pelo lado mais comprido, formando um rolo apertado. Corte em fatias iguais e disponha num tabuleiro forrado com papel vegetal. Deixe repousar mais 20 minutos. Leve ao forno pré-aquecido a 180 °C durante cerca de 25 minutos, ou até ficarem dourados. Sirva mornos ou frios.

### Dica do Mês

*Um Segredo para Cozinhar Melhor e Poupar. Em fevereiro, aproveite para organizar o congelador. Separe os alimentos em porções pequenas, identifique-as com datas e utilize primeiro os mais antigos. Este simples hábito ajuda a evitar desperdícios, acelera a preparação das refeições e garante uma cozinha mais prática e eficiente durante o mês.*

OPINIÃO /



/ André Pereira  
/ MONTALVENSE  
/ TÉCNICO SUPERIOR NO ISEG

## Um passo seguro

No dia 8 de fevereiro cada voto vai pesar mais do que parece. António José Seguro propõe-se a defender o chão democrático. Não um conceito vago, mas uma ideia concreta de política séria, de debate honesto, de responsabilidade coletiva. Este voto decide se continuamos a transformar a política num palco de egos ou se exigimos liderança fundamentada, com resultados visíveis.

Votar exige reflexão. Cada cédula coloca nas mãos do eleitor o poder de sustentar ou abalar instituições. Não basta cumprir o ritual. Não basta aplaudir discursos bonitos. Cada escolha molda a Democracia e mostra se ela resiste à superficialidade. O país precisa de liderança que saiba ouvir, ponderar e agir. Sem isso, as palavras infladas transformam-se em ruído inútil e a política vira espetáculo vazio.

António José Seguro apresenta consistência, não promessas mirabolantes. Propõe ação baseada em princípios, não popularidade momentânea. Propõe ouvir opiniões, medir consequências e tomar decisões fundamentadas. A sua candidatura lembra que a Democracia não se improvisa e que cada escolha exige responsabilidade. A estabilidade política depende da consciência de quem vota.

As campanhas focam-se muitas vezes no confronto e na imagem. O debate reduz-se a slogans e a cenas de efeito. Enquanto isso, os problemas reais permanecem. Educação, saúde, justiça social e políticas públicas não avançam com flashes de telemóveis, nem com truques de retórica. Avançam com líderes capazes de transformar palavras em objetivos. O voto em Seguro é uma aposta nesse rigor.

O dia 8 de fevereiro não é simbólico. Cada eleitor pode decidir se a Democracia continua viva. Cada voto reafirma que governar exige pensamento crítico e ação concreta. Cada voto reforça que a política tem de servir o país e não as redes sociais. O piso democrático não é garantido. Isso é certo. É construído, protegido e mantido pela consciência de quem participa.

Votar em António José Seguro significa escolher razoabilidade fundamentada, debate sério e compromisso real. Significa lembrar que decisões políticas têm impacto direto na vida das pessoas. Interiorizemos que a Democracia não se fortifica sozinha. Precisa de quem queira emprestar-lhe coerência e firmeza de valores. No dia 8 de fevereiro, o país decide se esse chão permanece sólido.

O que sustenta a política não são os gestos visíveis, nem os discursos polidos. Sustentam essa atividade, os mecanismos que estruturam o poder e a competição dentro do sistema. A teoria dos equilíbrios institucionais mostra que regimes estáveis dependem da interação constante entre regras, incentivos e atores e não apenas da visão dos chefes. É nesse entrelaçamento de forças e restrições, que se define a capacidade de uma sociedade se manter direita, ultrapassar conflitos e preservar o espaço onde a política deixa de ser improvisado e se torna uma arquitetura de comportamento coletivo eficiente e duradouro.

**O que sustenta a política não são os gestos visíveis, nem os discursos polidos.**

// CENTRO 2030

## Está aberto concurso de 4 milhões para apoiar pequenas empresas do Médio Tejo

O Programa Regional do Centro (Centro 2030) abriu um concurso, com 4 milhões de euros do Fundo para uma Transição Justa (FTJ), para apoiar projetos de investimento empresarial de pequena dimensão, que contribuam para a criação de emprego e a diversificação da base económica dos municípios que integram o Médio Tejo.

Os apoios consistem no financiamento de investimentos produtivos de empresas nos setores da indústria, turismo, comércio e serviços, com prioridade para projetos alinhados com a transição verde (onde se inclui a transição climática e energética) e a transformação digital, e assentes em atividades mais sustentáveis, inovadoras e de baixo carbono.

Os beneficiários são micro ou pequenas empresas daqueles setores de atividade, podendo apresentar projetos de investimento até um máximo de 300 mil euros de investimento elegível, com o apoio do FTJ até 65% daquele valor.

Estes apoios, na linha de outros que o Centro 2030 já atribuiu

a várias empresas ou potenciais investidores do Médio Tejo, integram-se no Plano Territorial para a Transição Justa da região, tendo, por isso, como objetivo contribuir para reduzir os impactos negativos do encerramento da central termoeleétrica do Pego, em Abrantes.

Isabel Damasceno, presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, I.P., sublinha que “o apoio ao investimento empresarial no Médio

Tejo, relacionado com as perdas de emprego e redução da atividade económica, continua a ser uma prioridade para o Centro 2030”.

“No passado, já abrimos avisos dirigidos a médias e grandes empresas, que estão a investir no território. Agora avançamos para um instrumento, o Sistema de Incentivos de Base Territorial, vocacionado para apoiar a atividade económica local com pequenos projetos de investimento”, explica.



// ÓBITO

## Rui Antonino Rodrigues (1931 - 2026)

O “eterno” pastor da Igreja Presbiteriana do Rossio, bem como de S. Miguel, Arreciadas e de Pintainhos, faleceu no passado dia 22 de janeiro, com 94 anos.

Nasceu na Madeira, em 1931. Em 1961 foi ordenado pastor e foi colocado nos Açores. Em 1966 veio como pastor para a Igreja do Rossio. Entretanto, em 1960 tinha casado com Aurélia Rodrigues, que muitos de nós conhecemos da Escola Industrial e Comercial de Abrantes / Solano de Abreu como professora de francês.

Além de pastor da sua Igreja, Rui Rodrigues foi também uma personagem da vida social abrantina. Sobretudo a seguir ao 25 de Abril, quando teve intervenção pública a favor da democracia, e, mais tarde, aquando das grandes cheias de 1979, tendo a sua Igreja a ter um papel importante no Rossio.

Aposentou-se em 2010 e no seu



lugar foi colocado um pastor que só ficou dois anos mas não foi substituído. Rui Antonino teve, então, que regressar à função de pastor. Até agora, depois de 60 anos, con-

tinuou a ser uma referência entre nós.

Rui Antonino Rodrigues foi também presidente do Presbitério de Lisboa, da sua Igreja, e Presidente da Igreja nacional (incluindo Madeira e Açores). Além disso, foi tesoureiro nacional da mesma Igreja durante vinte anos.

Rui Antonino Rodrigues foi sempre um homem de convicções firmes e de uma fé comprometida, porém de relações abertas. Contudo, manteve-se distante da ribalta da vida social local. Com ele e com a sua esposa Aurélia, vai-se uma parte da nossa memória coletiva. Foram pessoas que nos marcaram pela positiva.

A revista Zahara publicou uma entrevista com Rui Antonino Rodrigues no seu nº 20, em nov. 2012, e com Aurélia Rodrigues (também já falecida) no nº 21, em jul. 2013.

/ A. J.

# Imobiliária Raimundo's abre portas na Urbanização dos Plátanos

// A empresa existe e está no mercado há algum tempo. Começou na incubadora de empresas do Tagusvalley, cresceu e os empresários, como explicou um dos sócios, Fábio Raimundo, entendeu ser altura de dar o passo seguinte com abertura de instalações próprias.

E foi o que aconteceu no dia 28 de janeiro, com a inauguração do escritório e espaço de atenção aos clientes. A partir das 14:30 a Imobiliária recebeu os convidados para mostrar aquilo que vai ser o futuro da empresa.

Fábio Raimundo é um dos dois sócios da imobiliária e explicou como é que nasceu a empresa, entre a ideia, decisão e concretização.

“Eu tive praticamente 20 anos na Bélgica e lá já trabalhava um pouco com a parte do imobiliário. Decidi regressar às origens. Tive alguma formação na Century21, também trabalhei para a Abranrur e decidi abrir, juntamente com o meu sócio (com o meu tio), esta imobiliária. E fazer no nosso nome uma marca própria, para nós podermos fazer o negócio à nossa maneira.”

Fábio Raimundo explicou que há uma atenção com o cliente. “Cada caso é um caso e acho que nós devemos tratar o cliente como ele deve ser tratado. E eu não vejo este negócio como um vale-tudo.” E explicou: “Se eu quiser, por exemplo, imaginemos baixar a comissão para ajudar, para facilitar o negócio, eu aqui poderia fazê-lo. Eu poderia jogar da maneira como quero, por assim dizer, e que se calhar com outras marcas prestigiadas no mercado não conseguiria fazer. E assim, um cliente feliz é um cliente para toda a vida.”

O empresário revelou não ter sido fácil avançar no mercado com uma marca em nome próprio, principalmente num setor que tem cada vez mais concorrência. Nunca é fácil entrar com marca nova. Fábio Raimundo apontou a dedicação e o esforço como fundamental e também o facto de ser natural de Abrantes, por conhecer muitas pessoas.

O crescimento da empresa foi acontecendo e isso levou ao crescimento da equipa. A Raimundo's tem dez pessoas na equipa, juntamente com os dois sócios. E há perspetiva de poderem entrar mais duas ou três, em breve.

Fábio disse que esta imobiliária trabalha em todos os segmentos do mercado. “Nós trabalhamos o mercado todo. Não nos vamos fixar só em Abrantes, não procuramos só apartamentos, só moradias, não. É no global, seja cá em Abrantes,



/ Fábio Raimundo com o chef Chakall, convidado para a inauguração da imobiliária

seja nos arredores, seja, sei lá, na Lourinhã.”

Abrantes tem a sede, mas vamos fazer negócio onde ele existir. Há pouco tempo houve negócios em Portimão.

Sobre o mercado de Abrantes diz: “Tudo o que aparece, sai. E se calhar muitas das vezes, nem sequer é publicado ou não chega a entrar no mercado porque nós já temos uma lista com clientes, com possíveis clientes compradores, já com créditos aprovados ou prontos pagamentos, o que também facilita a aquisição um bocado. Mas, é como eu disse, isto aqui há muita procura, há pouca oferta e cada vez tem sido mais difícil encontrar

a habitação para que eles queiram comprar.”

Fábio Raimundo diz ter percebido que o negócio existe onde aparecer. E houve a decisão de inaugurar este espaço que “será o começo de uma outra história, mas sempre com os mesmos objetivos de satisfazer o cliente da melhor maneira possível e estamos cá para isso, para dar o nosso máximo e quem sabe evoluir cada vez mais e poderá haver novidades em breve.”

Há uma outra novidade em que o Fábio Raimundo criou uma outra marca imobiliária “Imóvel Luxe” para segmentos de mercado mais altos. Não é concorrência da Raimundo's, é apenas “diferenciar o segmento do negócio, mas sempre com o mesmo objetivo, com o mesmo foco, de continuar a crescer.”

/ Jerónimo Belo Jorge

## A ilusão da desunião

OPINIÃO /



/ Nuno Alves  
/ MESTRE EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
/ nmalves@sapo.pt

Trump poderá ser a melhor coisa que alguma vez aconteceu à Europa do pós-Guerra. Esse optimismo parece quase absurdo considerando a perigosa reviravolta que o presidente norte-americano decidiu dar às relações transatlânticas. Em poucos meses, Trump colocou à beira do colapso uma aliança que demorou mais de um século a construir. Trump é um homem com fascínio pelo abismo. Para os europeus, a irracionalidade e imprevisibilidade de Trump devem ser a motivação para caminhar rumo a dois objetivos muito concretos: autonomia estratégica e unidade interna. A Europa e, acima de tudo, os europeus devem compreender e apoiar sem condescendências todos os esforços aplicados na autonomia do continente. Seja no comércio, na energia, no ambiente, na autossuficiência alimentar e tecnológica ou na defesa, a Europa deve contar primariamente com as suas próprias capacidades e talento, sem descurar a importância de nunca esquecer a importância de continuar a transmitir para o mundo os valores da liberdade, da igualdade, da tolerância e respeito mútuo, quando a luz dos mais básicos princípios da democracia se desvanece. Em segundo lugar, a Europa depara-se com um mundo que lhe é cada vez mais hostil, mas permanece de mãos e pés atados para reunir as capacidades e instrumentos para uma resposta adequada. Para todos os efeitos, a Europa continua a ser um corpo estranho, quer do ponto de vista histórico, quer ao nível da construção de Estados. Na história moderna nunca existiu uma união entre Estados semelhante à União Europeia. No máximo, houve confederações que, dadas as suas limitações de funcionamento, rapidamente evoluíram para federações. Foi o caso dos EUA nos seus primórdios. Perante a ameaça que vem agora do Atlântico, a Europa começa a perceber a importância de reforçar a agilidade e flexibilidade do seu funcionamento institucional. Claro que, seguindo esse caminho, o sentido inevitável para a construção europeia seria

o federalismo. Para já, as intuições europeias mostram discretamente passos rumo a esse objetivo. Recentemente, o Parlamento Europeu aprovou uma moção a apoiar uma maior integração europeia; a Comissão Europeia lançou o SAFE, um projeto comum europeu para renovar e modernizar as capacidades europeias em matérias de defesa e segurança e, mais que tudo, a União Europeia, emitiu dívida pública conjunta para financiar as necessidades financeiras ucranianas. Trump vê o mundo numa ótica de submissão: é a primazia do poder sobre o estado de direito. Contudo, Trump está preso na ilusão da desunião, acreditando que uma abordagem externa mais musculada irá desbaratar e enfraquecer qualquer rival ao poder americano. Trump não é nenhum messias e os impérios não renascem das cinzas. Quando muito, Trump poderá ter acordado o gigante europeu da sua letargia. A única ameaça a este ressurgimento continua a ser os próprios europeus e a sua vontade.

**A Europa e, acima de tudo, os europeus devem compreender e apoiar sem condescendências todos os esforços aplicados na autonomia do continente.**



/ António Colaço  
/ animo.semper@gmail.com

## Dão-se alvíssaras

**D**ão-se alvíssaras a quem encontrar alguns dos quadros em que o autor estava a trabalhar no seu modesto Atelier de Abrantes (situado numa tão esconso quanto gélida garagem colectiva!) preparando para o mês de Fevereiro uma exposição, em Abrantes, Tomar e Torres Novas, intitulada CINQUENTA ANOS A FAZER PARTE, na sequência de desafiante convite por parte de uma conhecida entidade pública.

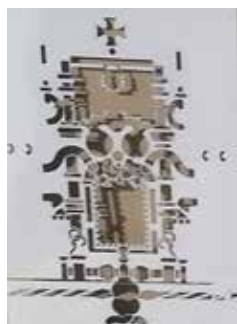
Desapareceram, igualmente, do Atelier do autor, a maquete quase

completa do Catálogo da Exposição e na qual constava um belíssimo texto do meu querido amigo, o ilustre filósofo abrantino Mário Pissarra, intitulado "Onde há Arte?" e, bem assim, a crónica destinada a esta edição do Jornal de Abrantes, intitulada "Não vivo para pintar, pinto porque vivo"!!!.

O autor pagará em géneros a quem encontrar as obras de arte abaixo indicadas.

Obrigado.

P.S.: Qualquer semelhança com a realidade....



CINQUENTA ANOS A FAZER P.ARTE

# Já é conhecido o Plano de Formação da Escola Rural de Energia Sustentável para 2026

// A Escola Rural de Energia Sustentável foi criada com o objetivo de promover novas oportunidades de emprego e apoiar a fixação de população.

É um projeto da Endesa que oferece cursos gratuitos e certificados, ministrados em parceria com entidades acreditadas e dirigidos prioritariamente a ex-trabalhadores da Central (a carvão) do Pego, residentes locais, desempregados e mulheres.

A Escola assume o compromisso com o desenvolvimento económico e social da região abrangida pelo Projeto de Transição Justa do Pego: O plano de formação pretende dotar os seus alunos de ferramentas para se colocarem e manterem no mercado de trabalho de forma eficaz.

A Endesa, através da sua Escola Rural de Energia Sustentável, veio anunciar o lançamento do novo Plano de Formação para 2026. De acordo com comunicado da elétrica, há um reforço do compromisso com o desenvolvimento económico e social da região abrangida pelo Projeto de Transição Justa do Pego. O programa volta a apostar em qualificações técnicas essenciais para o futuro energético e para a revitalização do meio rural português.

O plano formativo para o primeiro semestre de 2026 mantém a oferta estruturada em três eixos fundamentais: Energias renováveis, setor primário e capacitação transversal em gestão e tecnologia.

A empresa indica ainda que desde o lançamento em 2023, 43 alunos (6,1% dos formandos) já conseguiram trabalho graças às habilitações adquiridas.

Desde o seu lançamento em 2023, a Escola Rural contribuiu para a qualificação de 707 alunos, permitindo já que 43 formandos tenham conseguido emprego graças às competências adquiridas nas formações anteriores.

Com mais de 3000 horas de formação gratuita ministradas e uma taxa relevante de empregabilidade, a iniciativa reforça o papel da Endesa como motor de transformação nas regiões afetadas pela transição energética.

A Endesa revela ainda que as formações decorrerão em Abrantes, Gavião, Ponte de Sor, Chamusca e Crato.

Os detalhes completos dos programas, as datas e formulários de inscrição estão disponíveis no site da Endesa.

Recorde-se que a Endesa obteve em 2022, um direito de ligação à Rede Elétrica de Serviço Público (RESP) de 224 MVA, com um pro-

jecto que combina a hibridização de fontes renováveis com armazenamento integrado e um eletrolisador para a produção de hidrogénio verde.

Situado na região de implantação do Projeto de Transição Justa do Pego, trata-se de um projeto economicamente sustentável que não depende de subsídios externos. O sucesso da proposta da Endesa deve-se sobretudo aos projetos de desenvolvimento social e económico para a Região, uma vez que se compromete com a criação de 75 postos de trabalho permanentes, um Plano Global de formação e capacitação aos residentes e apoio às PME para que integrem os seus projetos na Região.

O projeto da Endesa foi concebido desde o início como uma colaboração com a Região de implantação do Projeto de Transição Justa do Pego e com os trabalhadores envolvidos no encerramento da central a carvão do Pego. A proposta apresentada pela Endesa inclui um Plano Global de Formação e de desenvolvimento social e económico para a Região. A Criação de Valor Partilhado ou CSV (Creating Shared Value) com que a Endesa trabalha em todos os seus projetos, visa maximizar o seu valor para a comunidade envolvente através de um conjunto de iniciativas que são construídas através de um processo participativo com os agentes locais. O que torna o projeto da Endesa em Abrantes único é precisamente o envolvimento das PME locais que vão desenvolver o seu modelo de negócio na Região, com projetos específicos.

/ Jerónimo Belo Jorge



## // O PLANO DE FORMAÇÃO 2026

### 1. ENERGIAS RENOVÁVEIS

Cursos focados na capacitação técnica para o setor solar e elétrico, incluindo:

- Eletricidade – princípios básicos (50h): edições em Ponte de Sor (12 a 28 fevereiro); Chamusca (12/03 a 14/04) e Crato (09 a 24 abril)
- Montagem de Painéis Fotovoltaicos (50h): edições no Crato (07 a 23 maio) e Ponte de Sor (18/06 a 04/07).
- Passaporte de Segurança (14h): junho, no Crato e Ponte de Sor
- Prevenção de Riscos Laborais – Atividades Florestais (16h): março e junho, na Chamusca e Ponte de Sor.
- Literacia para Autoconsumo 16h: - Chamusca (04/02 a 09/02) e Abrantes (04/03 a 09/03)
- Literacia Energética (16h): Abrantes (31/03 a 27/04) e Gavião (04 a 25/05).

### 2. SETOR PRIMÁRIO

Com foco no desenvolvimento agrícola e florestal sustentável, destacam-se para 2026:

- Aplicação de Produtos Fitofarmacêuticos (35h): Crato ou Gavião, em abril
- Apicultura – Maneio e Condução de Colónias (50h): Gavião, em abril
- Condução e Operação de Trator em Segurança (50h): Chamusca, em abril

### 3. CAPACITAÇÃO TRANSVERSAL EM GESTÃO E TECNOLOGIA

Inclui formações para reforço da empregabilidade, entre as quais:

- \*Desenvolvimento pessoal e técnicas procura emprego: Abrantes, em maio (25 h)
- \*Marketing Digital, e-Commerce e e-Business: Gavião, (14/05 a 22/06) – (50 h)
- \*Literacia Financeira: Ponte de Sor, (29/05 a 26/06) - (32 h)

## Poemas eróticos inéditos de António Botto publicados décadas depois de escritos

// Poemas eróticos de António Botto, escritos nos anos 1950 e guardados na Biblioteca Nacional, são agora publicados pela primeira vez.

Intitulado “Caderno proibido” - não porque tivesse sido proibido, mas por ser o título atribuído pelo próprio António Botto -, este livro de poemas homoeróticos, ambientado no Rio de Janeiro, onde o autor vivia na altura, chegou no dia 27 de janeiro às livrarias, editado pela Guerra e Paz.

Organizada e fixada por Victor Correia, que assina também o prefácio, a obra reúne poemas que António Botto planeava publicar em vida, mas que não chegou a concretizar, tendo morrido atropelado numa avenida de Copacabana.

Os poemas permaneceram inéditos até hoje, “mesmo passados mais de 50 anos depois da revolução do 25 de Abril, ou por pudor dos investigadores, ou por entraves dos herdeiros de António Botto, que entretanto talvez tenham falecido, sucedendo-se descendentes que autorizaram”, disse à agência Lusa Victor Correia.

Certo é que nem a anunciada obra completa do poeta, publicada pela Assírio & Alvim sob o título “Poesia”, contempla este caderno, que “está na Biblioteca Nacional [de Portugal], guardado, num cofre”.

“Vários investigadores têm andado à volta da obra dele, falado sobre este livro, mas nunca ninguém publicou” e “não consegui descobrir a razão da dificuldade da sua publicação”, acrescentou.

Estes poemas, além de “completamente inéditos”, distinguem-se da obra mais conhecida do autor, como “Canções”, por “uma linguagem muito ousada” e explícita, de “pendor erótico”, sem os subterfúgios e a sutileza presentes noutros livros, chegando alguns textos a poder ser considerados pornográficos ou obscenos.

Victor Correia admite que talvez possa ser essa a razão para nunca terem sido editados, embora considere que hoje essa linguagem “já não choca nada”.

“O que para umas pessoas é erótico, para outras é obsceno, e para outras nem sequer é erótico, é amoroso. Ele fala nos amores, e a sexualidade faz parte do amor”, explicou.

O investigador sublinha que, apesar da ousadia temática, estes textos não perdem relevância literária, ainda que sejam, em geral, menos trabalhados e mais espontâneos do que os poemas que António Botto publicou em vida, refletindo uma escrita mais imediata e confessional.



Victor Correia aponta ainda como centrais nestes poemas, que considera maioritariamente autobiográficos, temas como o desejo, a paixão, o ciúme, a posse e a busca da liberdade sexual, num contexto marcado pelo conservadorismo moral do Estado Novo e pelo exílio voluntário no Brasil.

Desiludido com o meio social e cultural português, onde foi despedido e vivia dificuldades financeiras, onde se sentia ostracizado, vilipendiado a alvo de chacota - chegou a afirmar “sou o único homossexual reconhecido no país” -, partiu em 1947 para o Brasil, na companhia da mulher.

Apesar da homossexualidade, António Botto viveu em união de facto com Carminda da Conceição Silva Rodrigues, sua companheira desde o final dos anos 1920 até à morte do poeta, que chegou a escrever num dos seus versos: “o casamento convém a todo homem belo e decadente”.

**Existem mais poemas inéditos de António Botto por editar, que Victor Correia pretende vir a publicar**

No Rio de Janeiro, procurou não apenas trabalho, mas também “um ambiente muito mais aberto em termos do relacionamento sexual”, que encontrou nas suas “escapadelas” à noite, que contrastavam com a rigidez moral que deixara em Portugal, explica o investigador.

Foi neste contexto, marcado por uma maior abertura de costumes e por uma intensa vida noturna em zonas como a Cinelândia, a Lapa e Copacabana, que António Botto escreveu a maioria dos poemas reunidos em “Caderno proibido”, especifica Victor Correia no prefácio da obra.

O investigador considera ainda que o facto de os poemas não terem sido incluídos na edição da poesia reunida de António Botto, publicada em 2018, deixou “uma lacuna na edição” da sua obra, agora colmatada com a publicação deste volume.

Além destes, existem mais poemas inéditos de António Botto por editar, que Victor Correia pretende vir a publicar, estando já a trabalhar na sua decifração, revelou.

Trata-se, neste caso, de textos não eróticos, maioritariamente sonetos, “mais trabalhados”, com rima e métrica, ao contrário dos que integram “Caderno proibido”, e cuja ausência das obras reunidas do poeta lhe causa, mais uma vez, estranheza.

António Botto nasceu em 1897, em Abrantes, e afirmou-se como uma das vozes mais singulares e polémicas da poesia portuguesa do século XX, apesar da perseguição moral e da censura.

Morreu em 1959, atropelado por um camião, quando atravessava a Avenida Nossa Senhora de Copacabana.

/ Lusa

OPINIÃO /



/ José Alves Jana  
/ FILÓSOFO

## O Poder Local

O ano de 2026 traz-nos a celebração dos 50 anos do Poder Local. É importante tomar consciência do carácter decisivo dessa caminhada. Em primeiro lugar, pela devolução ao “local” do seu poder de iniciativa. Nos primeiros anos, mesmo sem recursos próprios de monta, os novos autarcas - eleitos - foram capazes de gerar um dinamismo que até então estava tolhido, pois toda a iniciativa devia vir do poder central (de cima para baixo). Antes, houve um ou outro presidente de câmara - nomeado - que “mexeu os cordelinhos” a favor da sua terra. Mas agora, ao nível da freguesia e do município, quer em resultado da eleição, quer da necessidade de reconquistar a eleição seguinte, o princípio passou a ser o da iniciativa local (de baixo para cima) e não tanto o da obediência ou da transmissão do poder central.

Depois ocorreu um salto qualitativo: a autarquia municipal viu-se servida pela “lei das finanças locais” que lhe atribuía recursos próprios vindos por transferência obrigatória do Orçamento Geral do Estado.

Novo grande salto quando começaram a ficar disponíveis os “fundos europeus” em resultado da adesão de Portugal à CEE e hoje União Europeia. A partir de então, mais “obra” passou a ser possível. Nenhum concelho se parece hoje com o que era há 50 anos - apesar de uma corrente de opinião se manter cega ao que foi sendo conseguido.

É verdade que o novo poder (financeiro) do poder local (político) exigiu que o acesso aos fundos se fizesse por candidatura de projetos. E os projetos não vêm do céu, têm de ser decididos, elaborados e candidatados. Uma lógica diferente da mera transferência de verbas para gastar “à vontade”. A lógica da candidatura exigia iniciativa e qualidade, caso contrário a iniciativa não teria sucesso. Mas também é verdade que os fundos sempre vieram com regulamentos e destinos específicos, o que limitava a criatividade, restando o problema

da qualidade técnica do projeto. E assim se derivou um tanto para uma tecnocracia da política local.

Mas os 50 anos do Poder Local, que iremos celebrar, mostram-nos também o equívoco, que não é menor, de confundir “poder” e “poder político”, “local” e “autárquico”.

O verdadeiro poder de um concelho ou de uma freguesia, dois níveis do local, é mais, muito mais, que o poder da unidade administrativa local. Sem economia local pujante não há verdadeiro “poder” local. O mesmo quanto à cultura: sem uma cultura local viva e criativa, não há “poder” local com futuro. E assim por diante.

A celebração dos 50 anos do Poder Local pode vir reforçar a confusão de reconhecer só ou sobretudo aos políticos locais o carácter de sujeitos do desenvolvimento.

O mais importante no “local” é a comunidade que aí habita e a sua capacidade de sonhar, agir e concretizar. Os políticos locais (eleitos e não eleitos) são personagens da comunidade. Decisiva é a rede, os laços que entre todos os protagonistas se tecem, ou seja, o modo como cada participante reconhece os outros e com eles se articula numa ação criadora de comunidade - ao contrário de fragmentadora ou geradora de atrito e ruído. Não se trata, é claro, de defender o unanimismo, que é estéril. Mas o individualismo também não vai longe.

Se pensamos que o verdadeiro sujeito é a comunidade local, então é decisivo tomar o pulso à qualidade da vida pública, nas suas várias dimensões (demográfica, económica, cultural, política...), que é a expressão e alimento da força vital da comunidade.

P.S. - O ano de 2026 traz a Abrantes também os 110 anos de elevação a cidade, os 15 anos da morte de Maria Lucília Moita e os 5 anos da inauguração do MIAA. E cada concelho tem as suas datas redondas.

## Apadrinha Uma Oliveira cresce em número de padrinhos e oliveiras apadrinhadas

// Início de 2026 é sinónimo de balanço da atividade da organização Apadrinha Uma Oliveira. É tempo de contabilizar as oliveiras apadrinhadas e os novos padrinhos – particulares ou empresas.

Neste sentido, a organização sediada em Abrantes, e que tem como objetivo último combater o abandono agrícola, indica que o ano de 2025 foi um ano de crescimento e de receção de novos padrinhos. Assim, foram registados 71 apadrinhamentos totais, dos quais seis já tinham apadrinhado anteriormente. Em relação ao número de oliveiras apadrinhadas, foram 75 oliveiras.

Quanto à localização dos novos padrinhos, apesar de serem residentes um pouco por todo o país – e até estrangeiro – é nos grandes centros urbanos que se encontram os novos padrinhos, principalmente em Lisboa e Porto.

Relativamente às idades dos novos padrinhos, a faixa etária que mais se destaca são as pessoas entre os 35 e os 65 anos que acabam por ver na organização Apadrinha Uma Oliveira uma forma de contribuir para a preservação dos recursos naturais e a sustentabilidade ambiental da região.

Do ponto de vista empresarial, registaram-se sete novas empresas que apadrinharam um total de 472 oliveiras.

Em apenas dois anos, a organização Apadrinha Uma Oliveira já

conseguiu recuperar quase cinco mil oliveiras com o apoio de mais de 170 padrinhos de diversos pontos do mundo, como França, Alemanha e até Estados Unidos. Neste momento, a organização conta com olivais em Sardoal, Mouriscas, Alvega e São Facundo e tem como objetivo estender-se para mais localidades de Abrantes, inclusive.

Importa ainda referir que a geração de emprego local é também uma das missões da organização Apadrinha uma Oliveira. Durante

o ano de 2025, a iniciativa permitiu empregar sete pessoas, contribuindo assim para fixar população, dinamizar a economia rural e sublinhar o elevado valor social do projeto.

A Apadrinha Uma Oliveira é uma organização nascida em Abrantes — região amplamente reconhecida pela sua tradição olivícola — que surge precisamente para combater este abandono agrícola, que afeta cerca de 2.000 hectares de olival. Este abandono

resulta, em grande medida, da dificuldade em garantir continuidade geracional nas atividades agrícolas. Através da recuperação do olival, a organização não só trabalha para preservar o património natural e a biodiversidade da região, como também está a contribuir para gerar emprego local, fixar população e promover uma economia sustentável a longo prazo, devolvendo valor produtivo e social a uma paisagem que é parte essencial da nossa identidade.



### // COMO APADRINHAR UMA OLIVEIRA

Através do site [apadrinhaumaoliveira.org](http://apadrinhaumaoliveira.org), basta selecionar a oliveira que se quer apadrinhar. Depois de selecionar a oliveira, esta poderá ser batizada e visitada sempre e quando os padrinhos quiserem. No ano seguinte, os padrinhos recebem, como agradecimento, até dois litros de azeite virgem extra. O apadrinhamento é garantido após um donativo anual de 35€ ou 60€.

Através destas contribuições anuais, a organização forma uma equipa de agricultores, consegue fixar a população na zona e promove práticas de bom aproveitamento e conservação dos recursos naturais nos olivais.

## Agricultores pretendem investir cerca de 1,5 milhões de euros com o apoio da TAGUS

// O concurso aos apoios para “Pequenos Investimentos na Exploração Agrícola”, recebeu 44 candidaturas.

Este aviso dispõe de uma dotação de pouco mais de 300 mil euros, o que evidencia a elevada procura da região por este instrumento de apoio ao investimento agrícola.

O primeiro concurso da TAGUS - Associação para o Desenvolvimento Integrado do Ribatejo Interior, no âmbito do Desenvolvimento Local de Base Comunitária (DLBC), do Plano Estratégico da Política Agrícola Comum (PEPAC) no continente, cofinanciado pelos Fundos Europeus Agrícolas, registou uma adesão muito significativa por parte dos agricultores de Abrantes, Constância e Sardoal. No total, até 15 de dezembro, foram submetidas 44 candidaturas, que representam um

investimento global de 1.457.210,17 euros nas explorações agrícolas da região. O montante de apoio solicitado ascende a 768.123,25 euros, valor que ultrapassa mais do dobro da dotação financeira disponível, fixada em 310.016,20 euros.

Os projetos apresentados incidem maioritariamente na olivicultura, com 14 candidaturas, seguindo-se a produção de outros frutos em árvores e arbustos, com nove candidaturas. Há ainda pedidos de apoio na pecuária, com sete candidaturas, nomeadamente na criação de ovelhas, mas também de cabras e equinos. Foram igualmente apresentadas quatro candidaturas na área dos frutos secos, três na viticultura, três na produção de hortícolas, raízes e tubérculos, e duas noutras culturas permanentes, evidenciando a diversidade do tecido agrícola do território.

As candidaturas encontram-se de momento em fase de análise por

parte da TAGUS, sendo avaliadas de acordo com a Valia Global da Operação, que valoriza, entre outros fatores, o alinhamento com a Estratégia de Desenvolvimento Local da TAGUS, com setores agrícolas prioritários, como o olival, os hortofrutícolas e a vinha, bem como a existência de pequenos ruminantes, como ovelhas e cabras. A integração nos condomínios de aldeia no Ribatejo Interior constitui também um fator de majoração.

São ainda valorizados os projetos que integrem investimentos em tecnologias para o uso eficiente da água, soluções digitais, a integração dos agricultores em organizações ou cooperativas de produtores certificadas, bem como a aposta em energias renováveis, no modo de produção biológica ou em produtos com denominação de origem protegida (DOP) ou indicação geográfica protegida (IGP).

Após a análise e hierarquização

das candidaturas, e atendendo a que o montante de apoio solicitado excede largamente a dotação financeira disponível para os “Pequenos Investimentos na Exploração Agrícola”, a TAGUS poderá solicitar reforço da verba desta medida, que tem o objetivo de estimular o investimento nas explorações agrícolas, permitindo a melhoria da sua capacidade produtiva, da viabilidade económica e da sua eficiência, promovendo a adoção de práticas sustentáveis e tecnologias adequadas à escala local. Ou, em alternativa, aprovar projetos sem dotação orçamental.

“A quantidade e diversidade das candidaturas demonstram a dinâmica do setor agrícola no Ribatejo Interior e confirmam a importância do DLBC enquanto instrumento de proximidade, ajustado às necessidades reais do território e à promoção de uma agricultura mais competitiva, sustentável e resiliente”, afirma a TAGUS em nota de imprensa.

## IA.parte.01

### / AGENDA NACIONAL DE IA APROVADA

Governo português aprova Agenda Nacional de Inteligência Artificial e modelo de governação, centrado na qualificação, talento e coordenação interministerial, incluindo sistemas de ensino e formação.

### / MINISTRO QUER IA INTEGRADA NAS ESCOLAS

Ministro da Educação afirma que a IA “não pode ser ignorada” e defende formação de professores, mudança de métodos de ensino e adaptação de currículos para usar IA como apoio à aprendizagem.

### / IA COM IMPACTO REDUZIDO NA DESINFORMAÇÃO NAS PRESIDENCIAIS 2026

Entre as 48 peças de desinformação identificadas pelos investigadores do ISCTE/IBERFIER, o uso da IA restringiu-se a vídeos satíricos, sendo nas edições de vídeos reais que se encontra mais desinformação.

### / OCDE RECOMENDA MAIS FERRAMENTAS DE IA PARA EDUCAÇÃO

Digital Education Outlook 2026 da OCDE defende que a IA tem potencial para melhorar a educação, recomenda mais ferramentas educativas, mas alerta para riscos e necessidade de estratégias de mitigação.

### / "AI ACT" ENTRA PLENAMENTE EM VIGOR

Regulamento Europeu de IA, em vigor desde 2024, torna-se amplamente aplicável a partir de agosto de 2026, com proibição de práticas de risco inaceitável e obrigações específicas para sistemas de alto risco, incluindo alguns usados em educação.

### / "AI ACT": LITERACIA EM IA OBRIGATÓRIA NAS ORGANIZAÇÕES EDUCATIVAS

O Regulamento da UE exige que provedores e utilizadores de sistemas de IA assegurem níveis suficientes de literacia em IA entre o seu pessoal, afetando diretamente escolas, universidades e centros de formação.

### / IA NÃO IDENTIFICA VÍDEOS GERADOS ARTIFICIALMENTE

A equipa da News Guard testou os principais chatbots e descobriu que em 80% a 95% dos casos, não conseguiram identificar origem de vídeos gerados artificialmente.

### / YOUTUBE SHORTS COM IA

Segundo Neal Mohan, director-executivo do Youtube, as Shorts vão permitir vídeos gerados por IA com a imagem do próprio criador.

### / GROK AI: 3 MILHÕES DE IMAGENS SEXUALIZADAS DE MULHERES E CRIANÇAS

A pesquisa da Center for Countering Digital Hate revela o número de imagens sexuais produzidas em apenas duas semanas.

/ João Pereira

NOMES COM HISTÓRIA /



/ Teresa Aparício

## Rua de Nossa Senhora da Conceição - antiga Rua das Estalagens



Esta rua tem a seu início no Largo Avelar Machado e segue em direção ao Cemitério do Cabacinho, construído em fases sucessivas e concluído em Agosto de 1861.

O seu antigo nome, Rua das Estalagens, já surge num documento de 1585 e foi-lhe atribuído possivelmente por ter havido por ali algumas pousadas. Na Rua do Cabo, agora Luis de Camões, que lhe fica anexa, em 1714 viviam quatro estalajadeiros, cuja relação com a origem deste topónimo parece óbvia. E também é do conhecimento geral que estas casas de hóspedes se situavam normalmente na periferia das povoações como é aqui o caso, para facilitar a vida aos viajantes que as procuravam.

Hoje é uma rua não com pousadas mas com bastante comércio e precisamente fazendo quina com a Rua 17 de Agosto e dando já para o Largo Avelar Machado, encontra-se a loja de pronto a vestir Mango. Nesse mesmo local situou-se anteriormente um edifício de referência, conhecido por Casa do Capitão – Mor. Dele restam apenas fotografias a atestar a interessante arquitetura deste rico palacete, perfeitamente enquadrado na paisagem urbana que o circundava. Com a falta de sensibilidade habitual foi completamente destruído nos anos cinquenta do século XX e o seu rico recheio foi todo desbaratado. Em seu lugar foi construído o prédio que hoje ali se encontra, sem beleza nem estilo e arquitetonicamente desenquadrado. Crimes que a ignorância faz em nome do progresso e de que infelizmente Abrantes tem muitos exemplos, quer em edifícios civis ou religiosos.

Quando este prédio foi construído e no mesmo espaço onde está hoje a Mango foi instalado o Café Pelicano, moderno, confortável e com ótimo ambiente. Inaugurado a 29 de maio de 1966, fechou a 22 de dezembro de 1998, desaparecendo assim um dos espaços de convívio mais interessantes da nossa cidade. Até essa altura os cafés eram espaços reservados só aos homens, mas o Pelicano começou logo a ser frequentado também por mulheres, sendo as primeiras evidentemente muito criticadas, numa sociedade muito fechada como era a de Abrantes no início dos anos sessenta. Era também no Pelicano que, antes do 25 de abril de 1974, se reuniam para conversar e debater os problemas do país, aqueles que eram então chamados do “revirinho”, isto é que não aceitavam Salazar e o seu regime. É

claro que tinham de estar muito atentos não se encontrasse por perto algum pido a escutar as conversas, o que podia dar origem a denúncias e até a prisão. Para os abrantinos mais velhos o Pelicano é ainda hoje um local que evocam com saudade e infelizmente nunca mais surgiu em Abrantes um outro café que se lhe equiparasse.

A uns metros de distância, na direção do cemitério, encontra-se a Unidade de Saúde Familiar D. Francisco de Almeida, que tem como objetivo a prestação de cuidados de saúde personalizados à população residente na sua área geográfica. Inaugurada a 3 de junho de 2016, tinha já então 10 141 utentes inscritos e contava com os serviços de seis médicos e seis enfermeiros.

No local situara-se a Empresa Claras, sediada em Torres Novas e que assegurou durante muitos anos os transportes rodoviários da região, sendo depois incorporada na Rodoviária Nacional. Após a construção do novo terminal rodoviário, situado na Rua do Aipo, o edifício ficou devoluto, apenas com utilizações esporádicas, como foi o caso da Feira da Doçaria que ali se realizou durante vários anos.

A esta Unidade de Saúde foi atribuído o nome de D. Francisco de Almeida que foi o primeiro vice-rei da Índia e um dos membros mais importantes da família Almeida. Esta teve forte ligação com Abrantes durante muitos anos e aqui deixou importantes marcas históricas.

Em 12 Dezembro de 1910, a Câmara deu-lhe o nome de Rua de Costa Goodolfim, personalidade que, embora sem nenhu-

ma relação com Abrantes, foi um intelectual bastante destacado no panorama cultural português, na transição do século XIX para o século XX. Nasceu em Lisboa em 1842 e foi escritor, jornalista e também um historiador famoso que teve papel de relevo no estudo das Misericórdias em Portugal. Além disso foi sociólogo, militante das causas sociais e um grande defensor do associativismo e mutualismo de cujo estudo foi pioneiro no nosso país. São dele estas palavras: O operário associando-se ao operário, tirando todas as semanas do seu salário uma pequena parcela, garante os recursos para os dias de doença e por esta forma sem vender, sem empenhar, recupera a saúde no sossego da família. Eis a associação de socorros mútuos...

Faleceu a 6 de dezembro de 1910 e logo por essa altura entrou na toponímia de muitas povoações do país entre as quais Abrantes, que o quis também homenagear deste modo, apenas poucos dias após a sua morte.

A 9 de dezembro de 1940, a Câmara atribuiu-lhe o nome de Rua de Nossa Senhora da Conceição, mas já em 1863 fora chamada de Rua da Conceição, então sem conotação religiosa, possivelmente porque alguém com este nome se teria por ali destacado por qualquer motivo.

Consultas:

- Campos, Eduardo, Toponímia Abrantina, edição da Câmara Municipal de Abrantes, 1989

- Pesquisa na internet – Unidade de Saúde Familiar e biografia de Costa Goodolfim

media **on** Grupo

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Regularize o pagamento dos portes de envio do seu jornal

através da nossa redação ou por transferência bancária: NIB 0036 0059 99100093265 67

uma nova forma de comunicar. ligados por natureza.

241 360 170 . geral@mediaon.com.pt  
www.mediaon.com.pt

antena **ja** Tágide  
967 livre radiotagide.pt  
A Rádio dos Bons Velhos Tempos



**FLOR DE PRATA**  
Ana Cristina Miguel & Ricardo Figueiredo  
Flores | Prata | Perfumes

Rua Ramalho Ortigão  
2200-291 ABRANTES  
Centro Comercial Continente - Loja 5  
2200 ABRANTES  
Telem.: 965 317 806

**A Nova Funerária de  
Abrantes, Lda**  
com gerência de:

Ana Cristina Miguel  
Tel.: 965 317 806 Serviço Permanente

**Funerais - Trasladações - Corôas  
Flores Artificiais e Artigos Religiosos**

RUA RAMALHO ORTIGÃO - 2200-291 Abrantes

# COAGULOPATIAS

## QUANDO SANGRAR NÃO É NORMAL



O calendário reserva-nos uma singularidade a cada quatro anos: o dia 29 de fevereiro. Esta data, excepcional por natureza, é o palco perfeito para o Dia Mundial das Doenças Raras, uma efeméride de mobilização global que tenta dar visibilidade a quem vive com patologias muitas vezes esquecidas pela ciência e pela sociedade. Entre este vasto universo, as coagulopatias congénitas na mulher são um dos maiores desafios de diagnóstico da medicina moderna. Embora historicamente ligadas ao género masculino — devido ao impacto mediático da hemofilia —, estas patologias genéticas afetam milhares de mulheres que, por falta de literacia de saúde e por preconceitos culturais, sofrem durante décadas com sangramentos que são erradamente classificados como normais. Tal como fez em campanhas de divulgação no passado, a Unidade Local de Saúde do Médio Tejo aproveita a ocasião do Dia Mundial das Doenças Raras para deixar este alerta.

As coagulopatias são, essencialmente, falhas no sistema de segurança do nosso organismo. Quando ocorre uma lesão, o corpo ativa uma cascata complexa de proteínas (os fatores de coagulação) e células (as plaquetas) para formar um coágulo e impedir a perda de sangue. Nas mulheres com estas doenças, este processo é deficiente. O problema não reside apenas na gravidade dos episódios hemorrágicos, mas na sua invisibilidade. Muitas mulheres crescem a ouvir que ter fluxos menstruais abundantes e dolorosos é uma «característica da família» ou uma «fatalidade da natureza»: esta normalização e menorização do sofrimento é o principal obstáculo ao diagnóstico precoce. Sem saberem que têm um distúrbio de coagulação, enfrentam riscos severos durante intervenções cirúrgicas, extrações dentárias ou, de forma mais crí-



tica, no momento do parto, onde uma hemorragia não controlada pode ser fatal.

A Associação Portuguesa de Hemofilia e de outras Coagulopatias Congénitas (APH) tem desempenhado um papel vital ao chamar a atenção para esta realidade com o mote: «O pior das coagulopatias na mulher? É não saber.» De facto, o conhecimento é o tratamento mais preventivo que existe. Ao identificar precocemente um défice de fator ou uma disfunção plaquetária, a mulher passa a ter acesso a cuidados especializados de hematologia, permitindo-lhe gerir a saúde reprodutiva e o quotidiano com

segurança. O impacto emocional de um diagnóstico correto é também transformador, pois permite aliviar a angústia da paciente e seguir-se um plano terapêutico eficaz.

No mês do Dia Mundial das Doenças Raras, a literacia de saúde deve ser entendida como uma forma de prevenção e poder. Educar a comunidade médica e o público em geral para o fato de as mulheres terem necessidades específicas é urgente. Não se trata apenas de tratar uma doença rara, mas, sim, de garantir que o direito à saúde e à integridade física não é limitado por um diagnóstico que tardou em chegar. Que este 29

de fevereiro sirva para quebrar o ciclo de silêncio e para que cada sangramento anormal seja visto como um sinal de alarme que merece investigação, respeito e cuidado especializado. Para saber mais, consulte o site da Coagulopatias (<https://coagulopatias.aphemofilis.pt/>).

### Sinais de alerta: como identificar uma coagulopatia

É crucial ter atenção aos sinais que o corpo envia. Se identificar algum destes sintomas, deve consultar o seu médico de família ou um especialista (Hematologia):

- Hemorragias menstruais

prolongadas: menstruações que duram mais de sete dias ou que exigem a troca de pensos/tampões a cada hora;

- Hemorragias mucosas: sangramentos frequentes do nariz ou gengivas, sem causa aparente;

- Equimoses frequentes: aparecimento constante de "nódoas negras" mesmo após traumas ligeiros;

- Complicações em procedimentos: sangramento excessivo após extrações de dentes, cirurgias ou durante o parto;

- Sintomas graves: hemorragias espontâneas em articulações ou órgãos internos (ocorrem em casos de maior gravidade).



**abranclinica**  
 .....  
 IMAGIOLOGIA  
 RESSONÂNCIA MAGNÉTICA  
 TAC  
 TOMOGRAFIA AXIAL COMPUTORIZADA  
 RADIOLOGIA GERAL DIGITAL  
 ORTOPANTOMOGRAMA DIGITAL  
 CEFALOMETRIA  
 DENTAL SCAN  
 DENSITOMETRIA  
 ÓSSEA E CORPORAL  
 ECOGRAFIA GERAL  
 ECOGRAFIA ENDOCAVITÁRIA  
 ECO-DOPPLER COLORIDO  
 ECOCARDIOGRAFIA  
 .....

R. D. Afonso Henriques, 31 - 2200 Abrantes  
 Tel.: 241 360 270 - Fax: 241 366 681

**ARRENDA-SE**

---

**ESPAÇO COMERCIAL  
 C/140M<sup>2</sup>**

---

**CENTRO CIDADE DE ABRANTES  
 (CENTRO HISTÓRICO)  
 CONTACTO: 969068461**

**MARGARIDA PIMENTA  
 VALÉRIO**



**PNEUMOLOGISTA**

**CONSULTAS DE PNEUMOLOGIA  
 E ALERGOLOGIA RESPIRATÓRIA**  
 EXAMES DE ESPIROMETRIA E ESTUDO DO SONO  
 Consultório: Praceta Arq. Raúl Lino Edif. Tejo / Sopadel  
 1.º Andar Escritório 2 Abrantes Telefone 241 372 920

A ABRANCOP está a recrutar trabalhadores  
 na área da construção civil

**Precisa de trabalho? Consulte-nos: 914 992 719**



Rua de Angola, nº 35 - 2205-674 Tramagal - Abrantes  
 Tel. 241 890 330 - Fax: 241 890 333 - Tm: 91 499 27 19  
 geral@abrancopt - www.abrancopt

**A FUNERÁRIA  
 PAULINO**

ABRANTES - VILA DE REI

**afunerariapaulino@hotmail.com**  
 SERVIÇO PERMANENTE

**SEDE** **FILIAL**

Rua Nossa Senhora da Conceição, 40 2200-392 Abrantes  
 Tel/Fax.: 241 362 737  
 Telm.: 914 612 714  
 Telm.: 917 595 537

Largo da Devesa, Lt 3  
 6110-208 Vila de Rei  
 Tel/Fax.: 274 898 569  
 Telm.: 914 975 840

**FUNERAIS  
 TRASLADAÇÕES  
 FLORES  
 ARTIGOS RELIGIOSOS  
 CAMPAS**

**Fisabrantes**  
 Centro de Fisioterapia Unipessoal, Lda.

Médico Fisiatra Dr. Jorge Manuel B. Monteiro	Terapia da Fala Dr.ª Sara Pereira
Fisioterapeuta Teresinha M. M. Gueifão	Psicóloga Clínica Aconselhamento Ana Lúcia Silvério
Audiologia / aparelhos auditivos Dr.ª Helena Inocência	

Acordos: C.G.D., SAMS, PSP, SEGUROS, PT - Consultas pela ADSE  
 Telef./Fax 241 372 082

**ANTÓNIO PIRES DE OLIVEIRA**

**ADVOGADO**

**ESCRITÓRIO:**

ABRANTES: Rua de Santa Isabel, n.º1 - 1.º Dt.º - Tel.: 241 360 540 - Fax: 241 372 481  
 Tel: 966026783 - e-mail: dr.a.oliveira-355e@adv.ou.pt

**André Grácio | Advogado**

TEL.: 241 372 329  
 andregracio-1588e@adv.ou.pt  
 Av. 25 de Abril 127 1.ºE  
 2200-299  
 Cól. Prof. a.º 1588/E  
 NIF: 196520961

**J. A. CARDOSO BARBOSA**

**OTORRINOLARINGOLOGISTA**  
 (Ouvidos, Nariz Garganta)

Consultas e Exames de Audição  
 Edifício Tejo/Sopadel, Sala 1 - 1.º Piso (Junto ao novo Terminal Rodoviário)

Marcação de Consultas pelo Telefone 241 363 111

**ABRANFRIO**  
 EQUIPAMENTOS HOTELEIROS, LDA.

**QUEREMOS SER**

VENDA: A solução... com confiança  
 MONTAGEM: A dedicação... com objectivos futuros  
 ASSISTÊNCIA TÉCNICA: A prontidão... com preocupação

**SOMOS**

- ESTUDO
- FORNECIMENTO
- ASSISTÊNCIA
- PROJECTO
- MONTAGEM
- TÉCNICA

Tel.: 241 379 850  
 Fax: 241 379 859  
 Av. 25 de Abril, 675  
 2200-299 Abrantes  
 Portugal  
 geral@abranfrio.pt

**OURIVESARIA Heleno**

OURO . PRATA . RELÓGIOS . CASQUINHAS . TAÇAS

Representante oficial dos artigos  
**PANDORA™** e **NOMINATION**

Relógios  
 

RUA MONTEIRO DE LIMA, 16-A. ABRANTES • Tel. 241 366 393

**ja**  
 JORNAL DE ABRANTES

O seu jornal  
 há 125 anos

**CENTRO MÉDICO E ENFERMAGEM DE ABRANTES**  
 Largo de São João, N.º 1 - Telefones: 241 371 690 - 241 094 143  
 e-mail: geral@misericordiadembrantes.pt

**CONSULTAS**

ACUPUNCTURA	NEUROCIRURGIA
ALERGOLOGIA	NEUROLOGIA
CARDIOLOGIA	OBSTETRÍCIA/GINECOLOGIA
CIRURGIA	OFTALMOLOGIA
CLÍNICA GERAL	ORTOPEDIA
DERMATOLOGIA	PNEUMOLOGIA
EEG-ELETOENCEFALOGRAFIA	PROVA F. RESPIRATÓRIAS
FISIOTERAPIA/OSTEOPATIA	PSICOLOGIA
GASTROENTEROLOGIA	PSIQUIATRIA
HOMEOPATIA	REUMATOLOGIA
	UROLOGIA

# Agenda Abrantes

## fevereiro



### Inscrições / Compra de bilhetes

\* **Biblioteca Municipal António Botto**  
Venda de bilhetes: Welcome Center, Biblioteca Municipal António Botto, MIAA - Museu Ibero de Arqueologia e Arte e App Abrantes360 mobile. A entrada livre em espaços fechados, fica sujeita à sua lotação.

\* **Mercado**  
mercado@cm-abrantes.pt

\* **Desporto**  
desporto@cm-abrantes.pt

\* **Caminhadas Desportivas**  
Duração: 2h30. Dificuldade: média. Distância: 8-10 km



### DESPORTO **Torneio Ténis de Mesa**

07 fev 26 / 14:00

Pavilhão Escola D. Miguel de Almeida

Classe Etária: M/10  
Inscrições na receção do estádio Municipal de Abrantes ou pelo mail [desporto@cm-abrantes.pt](mailto:desporto@cm-abrantes.pt), até ao dia 4 de fevereiro.  
Prémios: participação e 3 primeiros classificados escalões.



### WORKSHOP **Há amor no mercado**

14 fev 26 / 10:00

Mercado Municipal de Abrantes

Classe Etária: M/18 anos  
Limite máximo de Participantes: 15  
Inscrições: [artabrantes.formacao@gmail.com](mailto:artabrantes.formacao@gmail.com)  
Confeção de coração decorativo em tecido por Margarida Fernandes de *Margaridas Artes*.



### ART'ANDANTE **Palhaço Pintarolas - O Príncipe, a Princesa e o Mauzão**

14 fev 26 / 21:30

Crucifixo - Sociedade União Crucifixense



### WORKSHOP **Preparar o Atleta do Futuro**

26 fev 26 / 21:30

Edifício Pirâmide

Inscrições: 12 de fevereiro a 24 de fevereiro no Estádio Municipal de Abrantes ou pelo email: [desporto@cm-abrantes.pt](mailto:desporto@cm-abrantes.pt)



### AR-LIVRE **Caminhadas de Abrantes**

28 fev 26 / 14:30

Junta de Freguesia de Carvalhal

Duração prevista: 2h30.  
Dificuldade: Média.  
Distância: 8-10km  
Inscrições até ao dia 26 de fevereiro no estádio municipal e pelo mail [desporto@cm-abrantes.pt](mailto:desporto@cm-abrantes.pt)



### ATL **Abrantes Férias em Movimento**

11 a 20 fev 26 / entre as 09:00 e as 17:00

Estádio Municipal de Abrantes

Classe Etária: 6-16 anos  
Inscrições: 27-01-2026 a 03-02-2026



### ESPECTACULO INFANTIL **Contos de Cá Cárá Cá Cá**

14 fev 26 / 11:00

Biblioteca Municipal António Botto

M/3 / Lotação: 40 lugares  
Bilhete: 2,00€ por pessoa



### LANÇAMENTO DO LIVRO **Fiorella e a Coroa de Aguelia**

28 fev 26 / 11:00

Biblioteca Municipal António Botto

Texto de Catarina Lopes Mata e ilustrações de Daniel Fuscilla  
Da editora Meia Longa, com a presença da autora

# FEIRA DE SÃO MATIAS

## ABRANTES AQUAPOLIS SUL

### 27 FEV a 15 MAR 2026

